



Revista



SALA DE
FOTOGRAFIA

nº 7 - dez/2019

Manifesto

Não há mais como esperar por heróis, nem por um único salvador: o futuro é coletivo. Só vamos atingir nossos objetivos como sociedade se trabalharmos unidos, pensando soluções conjuntas para problemas que são de todos nós.

A Revista Sala de Fotografia, pensando nesta atitude que o futuro coletivo demanda, ganha cada vez mais força com novas vozes. Na edição passada, contamos com artigos de Carlos Carvalho e Roberta Tavares. Agora, Cleiton Chiarel, Jesus Carlos e Marcelo Portella se unem a esse time de peso nacional. Essa cacofonia traz novas ideias, novas experiências, novas formas de ver e pensar o mundo. Pois assim ficamos melhores. Na Áustria, por exemplo, menos da metade dos funcionários de empresas costumam ser austríacos, o restante é de pessoas do mundo todo, outras culturas contribuindo com ideias e novas visões. Eles acreditam que a diversidade é um dos fatores que contribui para o crescimento e desenvolvimento: pilares que também reconhecemos como fundamentais. Além da criatividade, é claro, que floresce mais prolificamente em qualquer campo onde haja mudanças constantes.

Falando em criatividade, esta edição da Revista Sala de Fotografia inaugura novas pautas: empreendedorismo e economia criativa. Afinal, a economia criativa é uma das bases do futuro. É ela quem dita que o talento que uma

pessoa ou empresa possui pode valer mais que o seu próprio capital. E isso tudo porque o mundo precisa de novas ideias e insights. Nem que para isso a gente tenha que voltar a usar soluções que funcionaram por muito tempo – como a diminuição do uso de plástico, em favor do vidro, metal e papel. Para isso acontecer, precisamos dos criativos trabalhando, criando startups e desenvolvendo outras formas de ressignificar nosso comportamento em sociedade.

O coletivo ainda vai trazer compartilhamentos de ferramentas, como carros, bicicletas, patinetes. Você retira neste ponto, larga lá, sem se preocupar em achar uma vaga de estacionamento. As lavanderias nos condomínios vão ser coletivas: para que cada cidadão precisa comprar uma máquina de lavar roupas se podemos dividir? Ou uma furadeira, então? Economia de tempo, espaço, recursos para a produção.

A internet 5G vai nos permitir aplicativos mais inteligentes e rápidos para gerenciar tudo isso. Basta sabermos utilizá-los com sabedoria, e não esquecer do nosso lado humano e de conexão com a natureza. Afinal, sustentabilidade não tem a ver apenas com preservar o meio ambiente. Também precisa ser levado em consideração o lado sustentável do aspecto social e econômico nos processos e em todos os pontos da cadeia produtiva. As respostas não são óbvias, mas vamos aprender juntos?



Revista

SALA DE
FOTOGRAFIA
nº 7 - dez/2019

Expediente - quem faz

Diretora Geral: Liliane Giordano
Fotógrafa e mestre em educação

Editora-chefe: Sabrina Didoné
Jornalista (MTB 0018277/RS)

Textos, fotos e diagramação:
Liliane Giordano
Sabrina Didoné

Conselho editorial:
Liliane Giordano
Rúbia Villa
Sabrina Didoné
Thaynne Andrade

saladefotografia@gmail.com
(54) 3534.8994 | (54) 9.9981.9894
www.saladefotografia.com

10	<u>Análise: 5º Fórum de Economia Criativa</u>
40	<u>Mapa da Economia Criativa de POA: Cleiton Chiarel</u>
48	<u>Leitura: Pequenos Grandes Projetos</u>
56	<u>Leis de incentivo para projetos</u>
68	<u>Festivais de Fotografia: 15º Paraty em Foco</u>
88	<u>Lugares: Museu do Amanhã</u>
96	<u>Expedição Fotográfica: México</u>
130	<u>Artigo: Jesus Carlos</u>
154	<u>Artigo: Marcelo Portella</u>



análise

5º Fórum de Economia Criativa



Juntos. Este é o novo futuro: ele é coletivo. A nova organização sugere que a sociedade não espere mais apenas pelo poder público para criar soluções. Grupos voluntários começam a se formar para promover o que queremos. E foi assim que surgiu o Fórum de Economia Criativa, que tanto ensinamento entregou à comunidade de Caxias do Sul: de forma voluntária. Ele é fruto do Grupo Setorial de Economia Criativa da Microempça (Associação da Empresas de Pequeno Porte do RS), e é formado por representantes de 20 empresas do ramo criativo da cidade. Em 2019, o evento chegou na sua 5ª edição, crescendo muito em tamanho. Os dias 4 e 5 de outubro foram de muito conteúdo no Campus 8 da



UCS, e contaram com mais de 1500 participantes, 35 palestras, 18 workshops, diversas atrações culturais no festival e uma feira repleta de expositores com soluções inovadoras.

A Sala de Fotografia faz parte do Grupo Setorial de Economia Criativa da Microempça. Estivemos por lá nos dois dias de evento, e contamos abaixo o que vimos nas palestras. Vem com a gente!

A sexta-feira no Palco Aconteça

Era impossível acompanhar todas as palestras do 5º Fórum de Economia Criativa. Com dois palcos simultâneos com palestras, e duas salas com workshops, era necessário que o participante escolhesse o que mais lhe interessava e procurasse pelos corredores do histórico prédio do Campus 8 da UCS o seu próprio caminho. Mas a ideia era essa mesmo: que as pessoas pudessem criar o que fazia mais sentido a elas, já que um Fórum não entrega soluções prontas, e nenhuma ideia exposta é para ser copiada, mas adaptada a cada realidade.

Aliás, o local de realização do Fórum, o Campus 8, o Centro das Artes e da Arquitetura - tinha tudo a ver com economia criativa. O prédio, que é tombado, foi inaugurado em 1961 para ser um colégio interno. Até hoje, muito da arquitetura original se mantém. Dava mesmo pra sentir uma aura boa, uma energia criativa e educacional. Os cursos da UCS que tem a sua casa no Campus 8 são, justamente, os criativos: Música, Moda, Arquitetura, Artes.

Além das palestras, o espaço ainda ganhou quatro exposições fotográficas: “Achei que era uma obra de arte”, de Sara Verza; “Singular”, de Rubia Villa; “Cidadãos do Mundo”, de Liliane Giordano; “Crua e Nua”, de Júlia Pellizari.

O tema do Fórum em 2019 era “Crie. Emocione. Aconteça”. Dois palcos levaram o nome de Crie e Aconteça, e a área do Festival, que contava com apresentações culturais, era denominada de Emocione.

Uma das primeiras palestras que a Sala de Fotografia acompanhou na sexta-feira no Fórum foi a de Danilo Xavier Saes, professor da Unicesumar. Ele falou sobre a mudança da postura do professor frente ao novo cenário da educação baseado na tecnologia.

Seu tema foi inspirado nos filmes Star Wars: “Padawans ensinam. Jedis aprendem”. Os Padawans eram as crianças aprendizes, e os Jedis eram os mestres nos longas. Ou seja: para Danilo, todos nós em algum momento somos professores de alguém. Somos também padawans eternos, que são os aprendizes. Os jedis são os mestres, mas precisam ter a humildade de reconhecer que não são donos da verdade - assim como o professor não é. Afinal, essa é uma ideia ultrapassada. O palestrante explicou que a primeira formação para professores ocorreu na França em 1774. No Brasil, só chegou em 1835. Era um curso de 2 anos, pra curso primário, e ali sim os professores eram os donos do conhecimento.



“Hoje, temos que nos colocar como aprendizes o tempo todo como professor, e aprender com aluno que talvez já leu o assunto no Google e você ainda não teve tempo. Mas as premissas ainda precisam se manter: pensamento crítico, levar o aluno a agir, didática adequada à formação e que leve o aluno a refletir.” Danilo Xavier Saes

Outra palestra do Fórum conectada com a educação foi a de Rodrigo Quintão - CEO do MundoemCores.com, uma escola de pais on-line. O tema de sua palestra era “Vencendo o conflito de gerações”. O palestrante destacou que estamos na era da adaptabilidade - antes era da estabilidade. E antes o desafio era buscar a informação, agora é de filtrar a imensa quantidade de informação que recebemos todos os dias.

Ainda sobre educação, Cris Vieira, pedagoga e doutora em Educação pela PUCRS, falou sobre “O futuro da aprendizagem”. A palestrante afirmou que outras formas de produção de conhecimento são o futuro da aprendizagem e da educação. Ela partiu do questionamento: que tipo de conteúdo não pode faltar na educação? Para ela, visão global, é um destes itens. Deve-se aprender o que acontece no mundo pra entender o que acontece na sua empresa. Além disso, é preciso entender que o mundo funciona em rede, ele é coletivo. Também precisamos de organizações colaborativas, esse é o presente e o futuro do mundo.

Cris destacou a fluência digital como algo que não deve faltar na educação, já que tem que entender do universo digital e saber como coisas funcionam. Ainda, ela comentou sobre a redescoberta da criatividade.

“Por que falamos tanto de criatividade? Porque os processos de aprendizagem são uma das competências mais bacanas de se desenvolver. O universo escolar nunca possibilitou muito a criatividade, e as pessoas acham que não são criativas. Mas todo aquele monte de meme na internet, o nome disso é criatividade. É uma habilidade inata humana.”
Cris Vieira

Memorização também faz parte da educação, de acordo com Cris, mas não é só dessa forma. Deve-se ainda aprender sobre seres plurais e diversidade e, é claro, sobre responsabilidade socioambiental.

“Quando se fala de sustentabilidade, é um equívoco não pensar em três pilares: social, ecológica e econômica. Responsabilidade socioambiental implica tudo e todos e vamos ser responsáveis por isso. E por fim deve ensinar as relações humanas. Quanto mais surge a tecnologia, mais temos que falar das relações humanas, e como isso impacta na gente, como fica essa nova configuração. Precisamos pensar naquilo que produz sentido, e não só emprego e trabalho. O ser humano deve estar no centro do processo, é o foco da aprendizagem.” Cris Vieira





Seguindo no Palco Aconteça do Fórum, Laís Barboza trouxe o case da loja de presentes Imaginarium, com o tema: “As histórias que os produtos contam”. Laís é gerente de produtos da Imaginarium há 12 anos, e contou que a loja não vende só produtos, mas também ideias. O objetivo é oferecer e compartilhar ideias que surpreendam, emocionem e levem bom humor ao dia a dia das pessoas. Para a palestrante, o negócio Imaginarium é puramente emocional: visceral (o cliente diz: que lindo quero aquilo), comportamental (ajudar algo no dia a dia do cliente) e reflexivo (conta algo sobre o cliente pra com quem ele se relaciona).

“Para Imaginarium, histórias são matéria-prima de conexão. Histórias são elos que permitem relações mais verdadeiras. Queremos criar um produto com verdade que nos permita contar histórias e se conectar com a vida dos clientes”. Laís Barboza

A sexta-feira no Palco Crie

Bruno Honda Leite é designer chefe do Núcleo de animação e desenvolvimento audiovisual da Maurício de Souza Produções – os responsáveis pela famosa Turma da Mônica. Ele falou na manhã de sexta no Palco Crie no Fórum de Economia Criativa.

O palestrante apresentou dados sobre a Economia Criativa: ela movimenta 2,7% do PIB brasileiro. E isso aumenta para 18% quando se pensa em toda cadeia, com fornecedores e outros envolvidos. Na cadeia criativa, fazem parte as artes cênicas, artes, músicas, filme e vídeo rádio e tv, mercado editorial. Ou seja: é um mercado enorme que gera infinitas possibilidades.

“Parece um mercado fechado e difícil de entrar, como no cinema, por exemplo. Mas o que é legal na Economia Criativa

é que ela é muito democrática. Você tem saberes que são necessários em qualquer ponta da cadeia. E quanto mais estuda, mais abre janelas de oportunidades. Independência gera independência, para trabalhar com projetos pessoais, por exemplo.” Bruno Honda Leite

Bruno também falou sobre a responsabilidade de quem cria conteúdo, já que nada melhor do que uma boa história pra passar informação. Para ele, quando conta histórias é improvável e impossível não passar um pouco do que você é, mesmo que esteja escrevendo sobre outro ponto de vista que não é o seu.

“O papel do entretenimento extrapola e muito o entreter só pra combater o tédio. É um impacto enorme, nunca se sabe onde uma história vai parar. 100% do que falamos ou ajuda a aumentar um preconceito ou a quebrar. Nada fica neutro. Cada palavra que sai da boca de seus personagens ajuda a desconstruir ou ajuda a consolidar. A gente é multiplicador. Você pode impactar pessoas que nunca foram representadas no entretenimento. E por que não fazer um mundo mais equilibrado?” Bruno Honda Leite





Por fim, Bruno ainda falou do planejamento estratégico da Mônica Toy, uma série com os personagens da Turma da Mônica em outro formato. Ela está disponível no YouTube, e tem 320 milhões de visualizações por mês, e já atingiu 4.1 bilhões de visualizações.

Outra palestra que ocorreu no Palco Crie foi “Cidades criativas: o que são, cases de sucesso no mundo e no Brasil e como implementar um programa de desenvolvimento territorial baseado na economia criativa e diversidade cultural local”, protagonizada por Marcos André Carvalho, em uma parceria com o Canal Futura. Marcos é mestre em Economia Criativa pela ESPM, e atua há 25 anos com fomento ao empreendedorismo. Também é Ex-Secretário Nacional de Economia Criativa do Ministério da Cultura (2013-2015).

Para o palestrante, nós, que somos a sociedade da era do conhecimento, no olho do furacão, não percebemos o tamanho da transformação da humanidade que é virar o milênio. Para além disso, há a revolução tecnológica. As invenções disruptivas – que em outros séculos ocorriam uma vez a cada década, como o trem, a lâmpada – agora ocorrem a cada mês. Consequentemente, isso tem mudado a nossa forma de consumir cultura, e isso gera a economia criativa.

Marcos afirmou que a economia criativa é a que mais gera trabalho e emprego no mundo. Ela é a nova economia depois da desindustrialização, pois nunca se produziu e consumiu tanta cultura: somos a sociedade que mais produz e consome na história da civilização.

“Quando compramos um produto, compramos a alma, a inspiração, a maneira de ser que aquele produto incorpora na nossa natureza. E essa maneira de ser passa pela beleza que aquele produto transmite. Quem agrega valor, quem dá beleza a esse produto? São os criativos, os inovadores.” Marcos André Carvalho

O palestrante explicou que a economia criativa se divide em três fatores: arte, plataformas e serviços. Na arte, são a música, as artes cênicas, etc. As plataformas são rádio, tv, games, entre outros. E nos serviços são moda, publicidade, eventos, etc. Esses setores representam 10% do PIB mundial.

“O artista deixa então de ser acessório, o que não deu certo, e passa a ser o fermento do bolo da nova economia cultural.” Marcos André Carvalho

A palestra ainda teve muitos dados sobre este tipo de economia. Na China, há um plano de economia criativa pra 50 anos, enquanto que o Brasil ainda vive os anos 1980 nesse assunto. No Reino Unido, é a pauta principal do país. Além disso, os games faturam dez vezes mais que a indústria centenária da música, e mais que a de música e de filme juntos.

Depois, Marcos falou sobre o impacto do turismo. De acordo com ele, o turista vai para uma determinada cidade pra consumir identidade cultural, já que toma decisões de pra onde ir por causa da vocação cultural. Ou seja: o que só aquele lugar tem, que vai fazer a diferenciação nessa indústria cultural. O Brasil está só no 44º lugar na lista de destinos turísticos, atrás até do Vietnam, da Bulgária. Com essa diversidade cultural imbatível, e com belezas naturais, precisamos então entender porque nosso projeto de turismo cultural é tão fracassado, segundo o palestrante.

“Uma cidade criativa é a que tem valor e identidade, impacto econômico e ambiente estimulante. Como podemos transformar identidade em ativo econômico? Precisamos atrair e reter talentos. Quem é talento daqui, tem que ficar aqui. E mais que isso, atrair talentos de outras cidades pra gerar ativos econômicos aqui. Precisa ter ambiente estimulante para a classe criativa. Como? Criando incubadoras, teatros, museus, oficinas de fazeres. Onde o criativo possa transitar, espaços públicos onde possam se encontrar com público. Que estimule a criação e a inovação. Uma cidade verde, com mobilidade. Afinal, como criar se fica duas horas num ônibus espremido? É uma cidade onde tem cultura da paz. Que cria um circuito com outras cidades próximas. Uma cidade alimenta a outra, turista tem interesse de ir lá e cá também. Qual a marca, a narrativa que a cidade conta sobre si mesma? Cada cidade tem que olhar a sua vocação. Não

tem uma receita de bolo.” Marcos André Carvalho

Um exemplo, de acordo com Marcos, é Abu Dhabi, que mudou sua identidade, porque sabia que a indústria do petróleo ia acabar. Descobriram que economia criativa era a inovação. Então fizeram investimento em museus: agora já tem a primeira filial do Museu do Louvre no mundo. Eles pegaram o dinheiro do petróleo e se reposicionaram como o país da criatividade e do entretenimento. Outro bom exemplo é de Medellin, na Colômbia, famosa pelos cartéis de drogas na década de 1980. Mas a cidade se reergueu por meio da literatura, com biblioteca parque, na qual há milhões de livros disponíveis para a população. Marcos citou ainda o Instituto Inhotim, gerando renda e emprego pra população de Brumadinho, em Minas Gerais. E no Rio de Janeiro a revitalização do porto onde a cidade nasceu, com a implosão de um viaduto, e da Cracolândia, dando espaço assim para o Museu do Amanhã.

Mas esses exemplos não significam que apenas o poder público deve ser o responsável por investir em Economia Criativa. De acordo com Marcos, quem vai fazer o dever é a população local, a cidade civil nas cidades. Cada cidade precisa de uma agência para pensar sua indústria criativa, em uma união de universidade, sociedade civil e poder público. É preciso formação artística. Afinal, um grande artista precisa de muitos anos de ensaio e estudo, já que o talento é só o começo. Toda a cadeia da indústria criativa precisa de capacitação e crescimento, os programadores





dos gamers, os cinegrafistas. E também os empresários, buscando recursos, independente de fundos. E aí sim se tem um crescimento de uma classe que vai muito além dos artistas em uma cidade.

“Precisamos de marcos legais para a cultura. Mas tem que criar instrumentos flexíveis que entendam a sensibilidade do setor, não pode ser o mesmo pra comprar um pandeiro e construir viadutos. Nem tudo é edital: vamos pensar em como se sustentar sem o governo. O governo também tem que fazer, mas o que podemos fazer pra sustentar por si só?” Marcos André Carvalho

O palestrante ainda relembrou a importância dos Pontos de Cultura, criados durante o governo do ministro da cultura Gilberto Gil. Para Marcos, este foi um dos programas mais revolucionários do planeta em termos da democratização da cultura. Neste projeto, se entendeu que não se deveria levar a cultura para uma determinada comunidade, pois ela mesma já a produz, com manifestações ancestrais e novas manifestações, até mesmo as imateriais. Temos que ir lá e mapear e fomentar o que elas já fazem. Ou seja: não tem que evangelizar, não precisa levar cultura externa para a comunidade.

“A primeira coisa é ver o que as pessoas fazem naquele território. É muito agressivo pra quem faz cultura há décadas e nunca recebeu nada, e de repente vem cultura de fora se apresentar pra essas pessoas desse território.” Marcos André Carvalho

Para ele, a solução é dar recursos, e ouvir o que eles têm a expressar. Além disso, o projeto dos pontos de cultura previa a descentralização, criando cotas por regiões, inclusive para fora das capitais. Isto porque corre-se o risco de nos grandes centros, os artistas terem mais acessos de como fazer um projeto melhor, e assim são sempre eles que ganham. Mas aquele que faz 100 anos

possui uma certa dança tradicional, por exemplo, não sabe como fazer projeto e não vai receber o fomento nunca.

Ana Fagundes, Diretora de Artes e Economia Criativa na Secretaria da Cultura do RS, estava na plateia durante a palestra de Marcos, e aproveitou para afirmar que os pontos de cultura estão sendo reativados, e hoje tem mais de 90 recebendo verbas do governo do Estado.

Consumo Consciente

Também na parceria com o Canal Futura, e ainda na sexta do Fórum de Economia Criativa, Greice Gomes, Consultora em Negócios de Moda, que atuou por 15 anos nas Lojas Renner, falou em seu workshop sobre “Moda x Consumo Consciente - Um caminho sem volta”.

Ela definiu sustentabilidade como algo que permita a sua permanência. Precisa ser, então: ecologicamente correto, socialmente justo, economicamente viável e culturalmente diverso.

“Valores humanos conectam a marca e seu público. A moda deve olhar para as pessoas e entender o objetivo delas. Sem padrões, pois todo mundo é plural, de um dia é de um jeito, depois é de outro. Esse é o fim da massificação, todo mundo misturado, se aceitando. As novas gerações já vêm com essas ideias”. Greice Gomes

Em sua fala, Greice ainda trouxe excelentes exemplos de como a moda precisa se reinventar, como a Thirdlove, marca de lingerie americana, que busca a aceitação do corpo da mulher. Em contrário da famosa marca Victoria’s Secret, que vem perdendo mercado, entre outros motivos, por continuar seguindo o padrão estético.

O sábado no Palco Aconteça

A manhã do sábado iniciou com a palestra de Mauro Chies, médico oftalmologista e montanhista. O tema de sua palestra era “Gestão de fracassos: como fui parar no Everest e sai de lá vivo.” Mauro contou como começou a praticar esportes radicais para superar um divórcio. Mesmo depois de ter sofrido um acidente de asa-delta, ele continuou firme na sua preparação para alcançar o pico mais alto do mundo. Contudo, no Everest, ele acabou caindo em uma fenda no gelo, e por pouco não perdeu a vida. Foi o fim do sonho de alcançar o cume, mas o início de uma ressignificação da experiência.

“Precisamos pegar o que acontece com a gente e transformar em uma coisa boa”. Mauro Chies



opinião

A palestra de Mauro traz muitos episódios que rendem boas histórias. O seu tema, de falar sobre fracassos, é algo muito atual. Precisamos mesmo desmistificar o mito do vencedor, e começar a falar que todos nós enfrentamos grandes barreiras pelo nosso caminho. Nem sempre não concluir um objetivo deve ser visto como uma perda. Mauro acerta no assunto. E com certeza pode detalhar ainda mais sobre essa impressionante experiência.

Nesse processo de assistir tantas palestras e relatos de experiências pessoais, percebemos a importância do storytelling, do método de contar uma história, com muitos detalhes e viradas de roteiro. Isso ajuda em qualquer palestra, para manter o espectador atento.

Logo após, Marina Rambo - administradora, diretora da startup Uhuu - subiu ao palco, falando sobre “Como construir uma experiência de marca inovadora para empresas de serviço digital voltadas para o entretenimento?” A palestrante contou a jornada da empresa, que faz a intermediação entre os eventos e a venda de ingressos ao público por meio do site. Para se diferenciar, a Uhuu procura ser mais que apenas uma tiqueteira, transformando eventos em dados que permitam uma assertividade maior no futuro quanto ao público-alvo. “No negócio a gente

sabe o que quer, mas esquece de se fazer perguntas Qual o seu legado?” Marina Rambo

Para fechar o Fórum no Palco Aconteça, ocorreu a palestra de Cesar Paz – sócio e mentor de mais de seis empresas, e um dos fundadores do movimento coletivo “Porto Alegre Inquieta”. Ele trouxe em seu discurso toda a força da coletividade de se engajar para criar cidades melhores e construir a sociedade que queremos. “O POA Inquieta é um pensamento criativo, uma produção de sentido para a solução de cidades. São pessoas que se alinham, com inquietude para com sistemas que não funcionam: educação, saúde, mobilidade. Não queremos atribuir culpa ao prefeito, ao poder público. Estamos discutindo que não funciona. E revigorando uma cultura cidadã que tinha de sobra nos anos 70 e 80 em Porto Alegre, mas que por algum motivo se perdeu. Qual será o ponto de equilíbrio entre o local e o global? Aquecimento global ou um buraco da rua? No nosso coletivo, pensamos na transformação local. E queremos articular e fomentar todas as expressões de economia criativa que já existem na cidade.” Cesar Paz

Tal como Marcos André Carvalho, Cesar citou Medellin, a cidade colombiana, como exemplo. Ela saiu de um status de a mais perigosa do mundo para a mais criativa em 20 anos. O POA Inquieta promoveu duas viagens para conhecer e se inspirar nos projetos que deram certo por lá, e que podem servir por aqui também.

“Queremos trazer a cidade invisível para dentro do coletivo. Temos projetos maiores e também “não projetos” - estes chamamos de nanoacabativas e não demandam recursos específicos. São pequenas conquistas e vitórias. Como por exemplo a construção de uma horta numa escola pública. Ou uma pequena reforma. São iniciativas das pessoas a favor da melhoria da qualidade de vida de uma pequena comunidade, e que também precisam ser celebradas.” Cesar Paz

O palestrante ainda reforçou que inovar é muito necessário, mas que não adianta ser apenas uma ação: precisa continuar como um processo. Nisto, citou como exemplos o Fórum Social Mundial e o Orçamento Participativo, que foram importantes para a cidade, mas não continuaram inovando. Por fim, Cesar mostrou um projeto de um grande festival de economia criativa que o grupo pretende promover.



O POA Inquieta é um grande exemplo do que citamos no início do texto: o nosso futuro é coletivo. Cada vez mais as soluções precisam partir de cada um de nós, no nosso próprio local de atuação, por menores que sejam. Mais do que apenas fazer por si mesmas, estas uniões de cidadãos acabam por ter poder de visibilidade frente ao poder público. Não podemos mais esperar que cada prefeito decida o que fazer, a cada quatro anos, anulando obras do seu antecessor. Os cidadãos, que mais do que ninguém sentem os efeitos de cada pequena mudança na cidade no seu dia a dia, precisam se mobilizar para fazer acontecer.



O sábado no Palco Crie

Enor Tonolli - Coordenador Executivo do Parque de Ciência, Tecnologia e Inovação – TecnoUCS, coordenador do programa de geração de startups – StartUCS e professor nas áreas de engenharia e empreendedorismo – conduziu no sábado do Fórum de Economia Criativa a palestra “Dead Vortex”.

“Dead vortex são os preconceitos e julgamentos que nos deixam presos em um redemoinho que nos leva sempre para o mesmo lugar, que é confortável. Têm empresas que mantêm seus problemas porque sabem lidar com eles. Dead Vortex, então, é este redemoinho que nos leva para baixo e nos mantém sempre no mesmo lugar.” Enor Tonolli

Para o palestrante, a tecnologia vem mudando, mas nosso comportamento não chegou até aqui do nada. Não existe nada novo, o que existe são rerepresentações de coisas que a humanidade já viu na sua história. Só em um ponto mudamos: a velocidade é que tem sido o grande fator de mudança no nosso tempo. E Enor deu um exemplo do que falava: criticamos pessoas que não socializam porque ficam grudadas em seus celulares, mas então ele exibiu uma foto antiga na qual se veem muitas pessoas grudadas às páginas dos jornais, em uma cena muito similar ao que vemos nos dias de hoje com a tecnologia.

“Ninguém se adapta ao que não tem propósito. Temos que ser ambidestros, empresas e pessoas. Inovação é o vírus que é combatido dentro das empresas. O sistema imunológico tenta nos desviar pra situações de conforto e pseudo-segurança quando elas não existem.” Enor Tonolli

A palestra seguinte no Fórum trouxe Felipe Guelfi – que recebeu o título de Jovem Talento Empreendedor em 2018 em Caxias do Sul – para falar sobre “Negócio da China: da falsificação à inovação”. Ele já conduziu diversas missões empresariais ao gigante asiático, por isso fala com propriedade sobre o país.

O palestrante explicou que a China passou da cópia descarada ao propósito, passando por três fases de desenvolvimento. A instalação de fábricas por lá iniciou por mão de obra barata. Mas o crescimento foi muito rápido. De 1980 a 2011, uma vila de pescadores se tornou o maior pólo tecnológico do mundo.

Na China, há busca de novos recursos a novos conhecimentos. A internet 5G – que vai chegar por primeiro por lá - não significa apenas internet mais rápida nos celulares, explicou Felipe. Ela vai mudar nosso jeito de viver, pois vai possibilitar novos aplicativos. Os médicos vão poder operar à distância com precisão, por exemplo.

No ramo da medicina, centros médicos chineses já contam com o “We doctor group” – um computador que traz medicina remota. Ele faz exames com assertividade de 99% no diagnóstico. Os dados que isso gera para o governo chinês são muito importantes, pois assim é possível saber as doenças mais comuns por área, evitando epidemias.

Felipe trouxe ainda muitos outros exemplos de como funciona a vida na China. Falou do We Chat, que seria

como nosso WhatsApp, mas mil vezes melhor. Nele você pode fazer pagamentos, comprar ingressos de cinema, investir na bolsa, chamar táxi, comprar créditos pra celular, se relacionar como se fosse Tinder, acessar serviços públicos, renovar carteira de motorista, marcar consulta médica. É muito útil, mas também é a porta para o controle social do governo sobre o cidadão chinês. O WhatsApp por lá é proibido, bem como o Facebook. Se alguma pessoa posta algo sobre protestos contra o governo no We Chat, ela é bloqueada. Como é uma plataforma na qual é possível fazer tantas coisas, ser forçado a sair dificulta muito a vida diária.

Mas pode ficar ainda mais complicado. Felipe explicou sobre uma outra ferramenta que o governo chinês vem utilizando, que lembra muito os episódios do seriado distópico Black Mirror. Desde 2014, há premiação ou punição de acordo com a pontuação de cada cidadão. Quando o ranking cai, há punição. Assim, ele não pode reservar viagens, ou hotéis com quatro ou cinco estrelas. Seus filhos não podem ir para melhores escolas. Mas se é um bom cidadão, as taxas de juros são melhores, pode ser funcionário público. O que contam pontos são atitudes como não passar sinal vermelho, não dirigir bebendo, entre muitas outras. Assim, o ranking social controla as pessoas. Felipe questionou, sim, a extrema invasão de privacidade do governo sobre a vida do cidadão. Mas também teve o cuidado de reforçar o outro lado: é um país que tem níveis baixíssimos de violência. E questionou: Será que não é uma ferramenta válida em um país de 1.5 bilhão de pessoas?

O palestrante ainda falou sobre qual a previsão de futuro para o país asiático.

“Agora, pouca gente está deixando os campos na China, e assim não tem gente pra produzir nas fábricas, então vai desacelerar o crescimento. Por isso estão querendo inovar, e parar de imitar.

Por fim, ele explicou que o Partido comunista exige que toda empresa com mais de 50 empregados precisa ter um membro do partido, e isso inibe a criação. Além disso, os olhos das empresas por lá ainda são muito voltados para o doméstico: 80% do PIB da China depende deles mesmos. Ou seja, eles precisam olhar para o mundo, para a exportação. E também, nas empresas da China, há muitos chineses. Na Áustria, apenas 40% dos funcionários são austríacos, por exemplo, o resto é de pessoas do mundo todo contribuindo com ideias e novas visões. A diversidade é um dos fatores que contribui para o crescimento e desenvolvimento.



A palestra de Felipe, de fato, contribuiu muito não apenas para o conhecimento de mundo da plateia, mas também para a criatividade. A visão geopolítica é muito importante: olhar para o que está sendo criado no mundo para entender onde estamos e para onde vamos. Todas essas visões de uma vida diferente da nossa, com inovação e tecnologia, e também dos problemas que eles enfrentam, servem de exemplo para nos posicionarmos frente ao mundo. E para quebrar nossos próprios paradigmas. Não basta dizer se é bom ou ruim por lá, para ser criativo é preciso rejeitar respostas fáceis e prontas, é preciso identificar as nuances, e ver que para toda questão há muitos lados.

Logo após o intervalo do almoço, Gustavo Zolet, diretor da empresa Neomot, falou sobre “Edifícios Inteligentes: da Ficção Científica para a Realidade”. O palestrante trouxe muitos exemplos do que está mudando na área: as máquinas agora se adaptam à realidade das pessoas. O portão do condomínio entende quando precisa ser consertado, e já aciona a assistência técnica sozinho. O elevador sabe a que horas você sai de casa todos os dias e te espera no seu andar. Acender as luzes da casa com o celular já é coisa do passado. Agora, a casa já reconhece que sou eu e faz isso automaticamente.

A palestra seguinte no Fórum, na verdade, foi uma verdadeira aula. Tito Gusmão – que foi sócio da XP Investimentos, e fundou em 2015 a plataforma Warren para ajudar as pessoas a investirem bem – ensinou a plateia sobre educação financeira, em um discurso descontraído, envolvente e muito elucidativo. Para o palestrante, a escola deveria trazer o assunto das finanças pessoais para seus alunos. Afinal, o dinheiro circula no dia a dia, e precisamos saber lidar. Mas no Brasil, parece que o assunto é tabu.

Tito ainda fez uma provocação muito interessante à plateia: pensar quantos minutos você trabalha para comprar algo. Falou ainda de juros compostos, e de melhores formas de investimento.

“A economia se movimenta em ciclos como uma montanha-russa: lá em cima e lá embaixo. Mas a longo prazo a economia sempre cresce. Eu não perderia tempo pensando se vamos mesmo ter recessão.” Tito Gusmão

Para quem quer aprender mais, Tito tem um

livro, chamado Papo de Grana, bem como um site de mesmo nome, disponível neste link: <https://papodegrana.com.br/>

A tarde do Fórum ainda trouxe a palestra de Cassio Tramontini, com o tema “Empreender e gerar impacto social”. Cassio é co-fundador e CEO da Return, que nasceu há 4 anos com o propósito de inspirar as pessoas a gerarem um retorno por onde passam. A empresa cria e implementa projetos que conectam marcas e pessoas com soluções de desafios sociais.

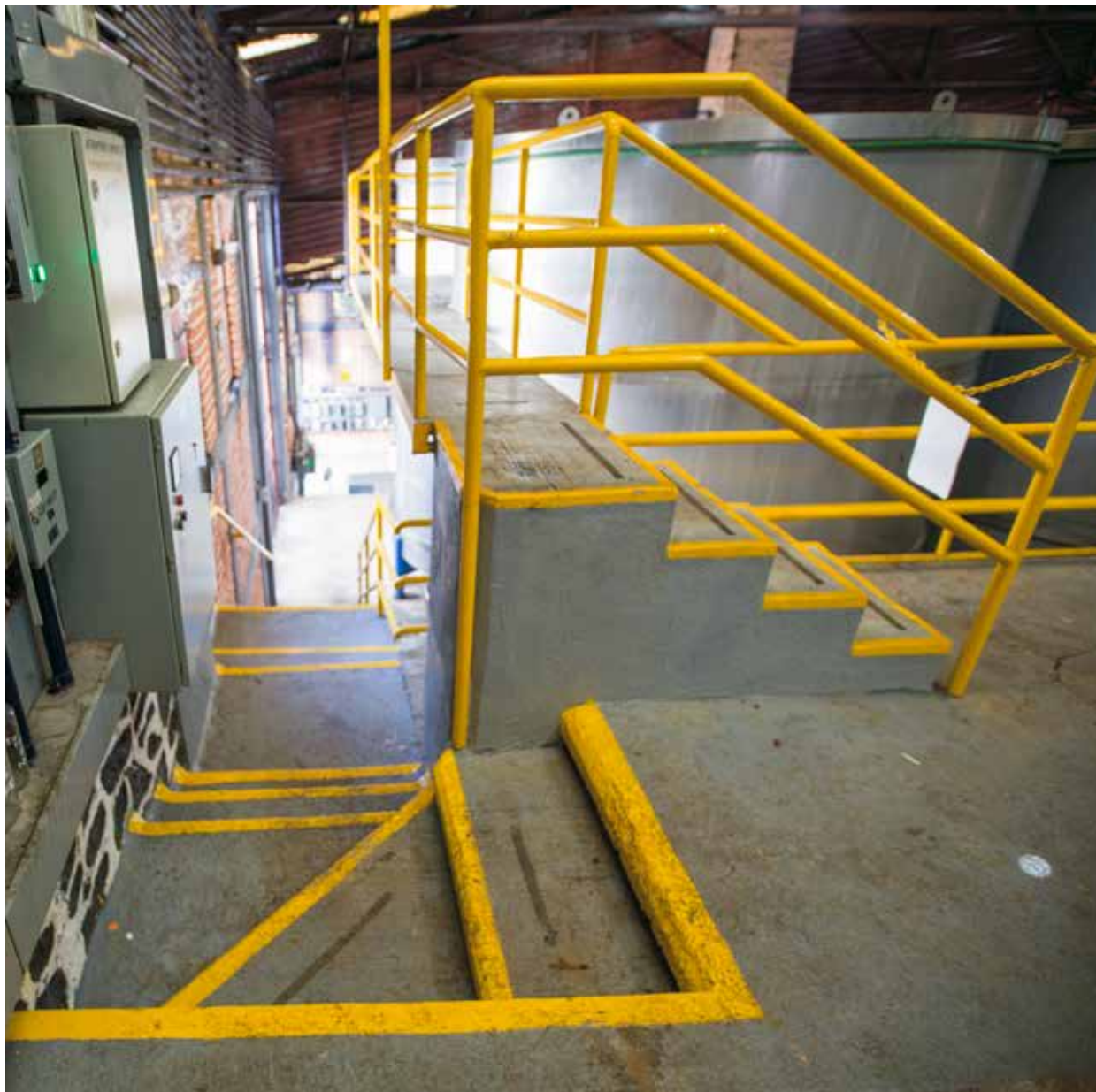
O palestrante contou que a empresa nasceu de uma incomodação perante os problemas sociais com os quais se deparava, o que estimulou a criatividade para tentar fazer algo em prol daquilo. Um exemplo de projeto que ele mostrou foi testes de visão para um escola pública de Porto Alegre, na qual os alunos que foram detectados com problemas ganharam os óculos ao final do projeto.

“Precisamos dar um retorno a todos os envolvidos nos projetos. Quem investe são investidores sociais e temos que dar retorno muito claro a eles. Queremos gerar valor para além da causa.” Cassio Tramontini

Cassio também falou sobre sustentabilidade, que não deve ser pensada apenas no seu aspecto ambiental, mas que precisa estar embasada em três pilares: econômica, social e ambiental. Em seus projetos, eles tentam fazer o mais sustentável possível, baseando-se nestes pilares.

Além disso, explicou que precisamos falar sobre soluções, e não só sobre o problema. Um





exemplo seria da mídia negativa: se de cada dez pessoas, quatro ainda não reciclam seu lixo. Por que a manchete não poderia ser ao contrário? Seis em cada dez já reciclam. Se falarmos no positivo, isso gera mais engajamento, e é mais fácil de convencer mais pessoas a aderirem à causa.

Para o futuro da Return, Cassio explicou que o objetivo é simplificar.

“O excesso de criatividade pode gerar desvio de foco. Criatividade x simplicidade.

Estamos em um processo de simplificação. Criatividade para simplificar as coisas, e não para criar mais coisas ainda.” Cassio Tramontini

E sustentabilidade também esteve entre os tópicos da palestra de Rafaela Cappai – empreendedora e fundadora da Espaçonave, uma escola de empreendedorismo e criatividade. Ela falou sobre “Transformação Criativa – como a criatividade pode transformar pessoas, negócios e o mundo”.

Rafa trouxe muitos dados sobre criatividade e como ter um negócio sustentável, e ainda estudos de caso, nos quais visão e ação criativas podem transformar as pessoas, os negócios e o mundo. Ela citou oito pilares de um negócio criativo.

oito pilares de um negócio criativo

- 1 - liderança e gestão criativas
- 2 - inovação e DNA criativo
- 3 - propósito e valor distribuído
- 4 - humanidade, vulnerabilidade e autenticidade
- 5 - conexão emocional
- 6 - pertencimento e comunidade
- 7 - comunicação criativa, empática e autêntica
- 8 - sustentabilidade

como ter um negócio criativo

- 1 - diferenciação estratégica por essência
- 2 - cocriação com sua galera
- 3 - storytelling sem forçação de barra
- 4 - linguagem criativa e/ou bem humorada
- 5 - desing e estilo próprios
- 6 - foco em experiência
- 7 - ação prática de valor distribuído
- 8 - modelo de negócio de base inovadora
- 9 - Inovação social e metodologias criativas
- 10 - tecnologia para alavancar o humano

Orgulho. Esta foi uma palavra que nos definiu durante o Fórum de Economia Criativa da Microempça. Por fazer parte do grupo que promoveu o evento, ficamos orgulhosas de perceber o quanto um grupo voluntário, com pessoas engajadas e querendo fazer acontecer pôde realizar. Foi um evento com bom conteúdo, com bons palestrantes, que entregou mais de 16 horas de programação para Caxias do Sul. Alguns dizem que nossa cidade é fabril, mas ver tanta gente reunida em prol da criatividade nos enche de ânimo. A criatividade é um ato intrinsecamente humano, e que nos diferencia das máquinas. Todos nós nascemos com ela, mas, a bem da verdade, o ato de criar às vezes fica ligado apenas à infância. Que a cada edição do Fórum, então, que o Grupo Setorial de Economia Criativa da Microempça consiga tornar a cidade uma referência na criatividade, e não só para as áreas que já são consagradas como criativas. Vamos expandir as boas ideias para todos os campos, já que criatividade não se perde, ela só precisa ser incentivada. E esse é o principal ingrediente do evento: entregar criatividade à sociedade, compartilhar histórias, ideias e negócios. Já ficou para trás a ideia de concorrência. Se o futuro a gente constrói juntos, é porque percebemos que, quanto mais trocamos, melhores somos.



Vozes

Mapa da Economia Criativa de POA: Fotografia

Por Cleiton Chiarel

Cleiton Chiarel é Diretor Executivo do INSPE - Instituto Soleil de Pesquisa e Educação, com sede em Porto Alegre. Neste artigo exclusivo para a Revista Sala de Fotografia, ele conta sobre os dados do mapeamento de Economia Criativa na capital gaúcha.

Adoramos o convite feito pela Sala de Fotografia para falarmos um pouco sobre Economia Criativa. Por meio do Instituto Soleil de Pesquisa e Educação - INSPE, realizamos o Mapa da Economia Criativa de Porto Alegre 2019. Seu objetivo é entender o perfil dos empreendedores e dos seus empreendimentos, suas necessidades, inspirações, valores e desafios ao empreender na sua área. Para isso, foram entrevistados 1000 empreendimentos e foram identificadas 21 áreas da Economia Criativa na capital, fotografia entre elas.

Entendemos que a Economia Criativa tem como principal recurso seus processos intangíveis, como criatividade, cultura e capital intelectual. Ela abrange uma diversidade de negócios, que vão desde artes e artesanato até arquitetura e desenvolvimento de softwares, muitas com interconexões e às vezes transitando entre mais de uma área.

Como já mencionado, uma das 21 áreas identificadas foi a fotografia. O gráfico mostra o perfil do profissional de fotografia mapeado em Porto Alegre. Algumas informações do estudo ajudam a entender melhor os desafios que os empreendedores enfrentam atualmente: 68% não possui acesso a linhas de financiamento, o que dificulta a capacidade de investimento no desenvolvimento do negócio. Apesar de 53% terem declarado possuir um curso de capacitação na área, quase 90% não tem feito nenhum curso de gestão ou administração, e 42% sequer tem um plano de negócios.

Por outro lado, o tempo médio de existência dos empreendimentos é acima da média, com 9 anos. Também é uma área com maioria feminina (58%), com idade média de 25 a 34 anos (37%) e ensino superior completo (37%).

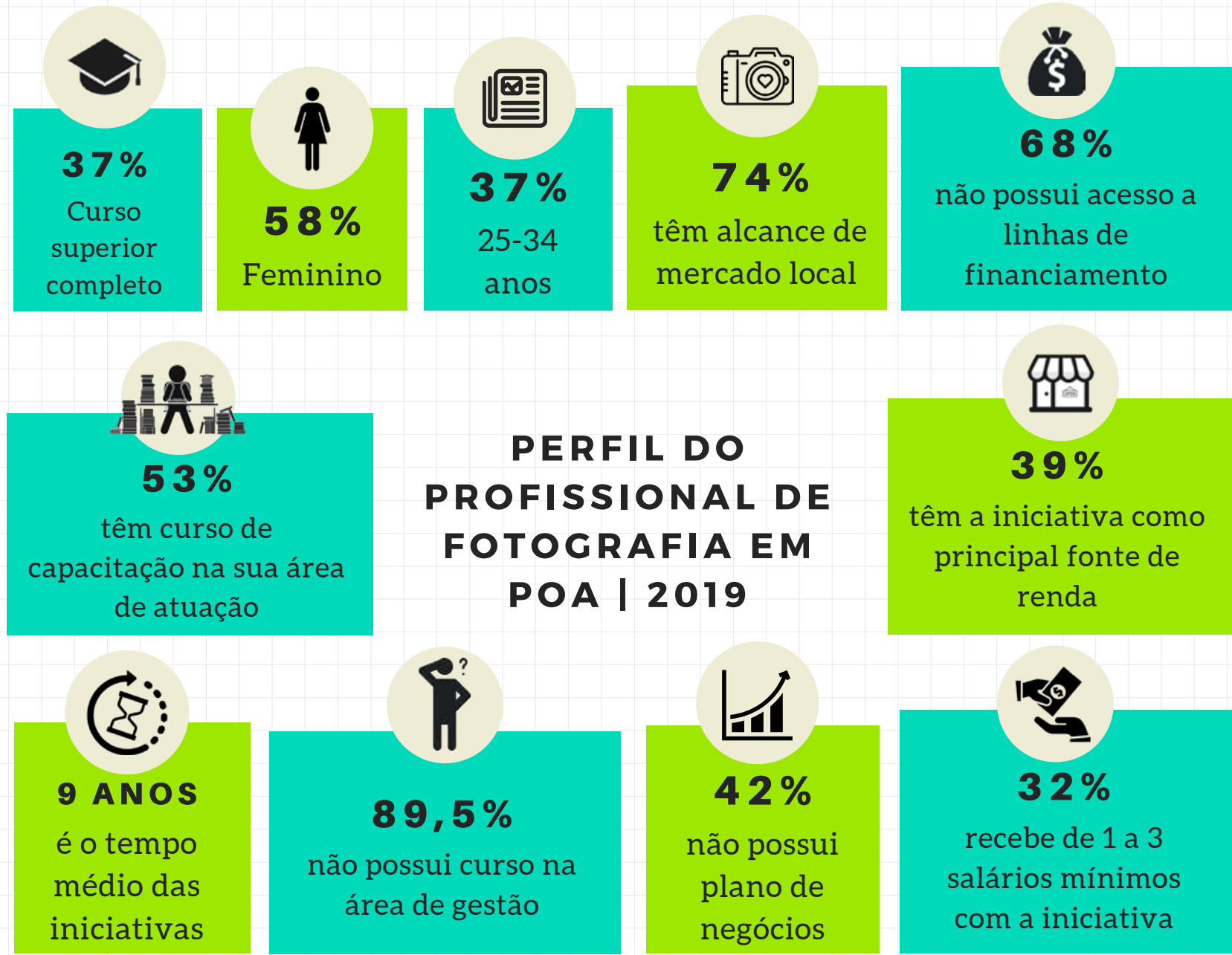
Com o desenvolvimento das tecnologias digitais e massificação de outros dispositivos de criação de imagens fotográficas, como os celulares, muitas das demandas de trabalho em fotografia diminuíram e a área passa por uma redefinição, com a valorização do autoral, da experimentação e da edição de conjuntos de imagens que contem uma história, demonstrando que o trabalho em fotografia vai muito além do mero registro, sendo também uma atividade projetual.

Essa característica projetual vem se tornando mais evidente com a articulação de diversos coletivos criativos por profissionais da área de fotografia. Antes muitas vezes caracterizada como uma atividade solitária, a fotografia profissional e autoral vem cada vez mais assumindo um caráter de diálogo, tanto entre profissionais, como com o público por meio das diversas possibilidades de difusão e, principalmente, interação em sites, blogs e redes sociais.

Acreditamos no potencial de desenvolvimento econômico local por meio da criação de políticas públicas e de ações da sociedade civil. Voltaremos em uma próxima oportunidade trazendo outro recorte do Mapa para vocês.

Cleiton Chiarel





Fonte: Instituto Soleil de Pesquisa - INSPE



aprendemos nos livros

“a fotografia libertou as artes plásticas de sua obsessão da semelhança. Pois a pintura esforçava-se, no fundo em vão, em nos iludir, e esta ilusão bastava à arte, enquanto a fotografia e o cinema são descobertas que satisfazem definitivamente, por sua própria essência, a obsessão do realismo. [...] Por mais hábil que fosse o pintor, a sua obra era hipotecada por uma inevitável subjetividade. Diante da imagem, uma dúvida persistia, por causa da presença do homem.”

André Bazin - 2014

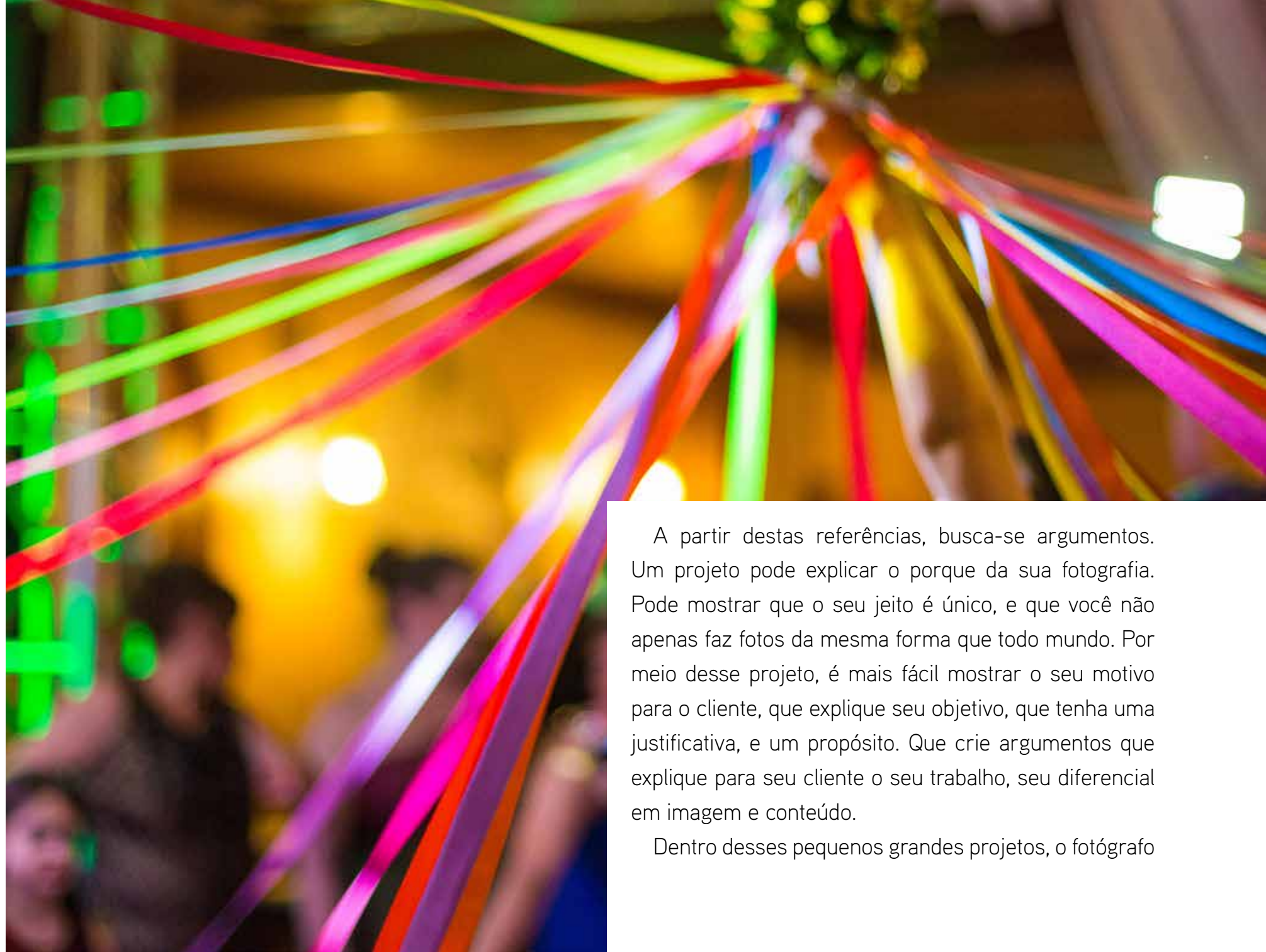
Blog da Sala no Portal Fhox

Pequenos grandes projetos

Por Liliane Giordano e Sabrina Didoné

As fotos desta matéria fazem parte do Projeto Matrimonium, de Liliane Giordano e Thaynne Andrade. A ideia é trazer um olhar feminino para a fotografia de casamento.

Saiba mais em
www.saladefotografia.com/casamentos



Pode ser um pouco clichê, mas a virada de ano sempre nos motiva a querer fazer coisas novas neste período. Pensar em pequenos grandes projetos pode ser uma excelente alternativa para fazer algo diferente em 2020: nada pretensioso demais que acabe ficando no fundo de uma gaveta devido a sua dificuldade, mas do tamanho exato para fazer a diferença.

Dá pra pensar simplesmente em organizar um novo processo da sua fotografia neste novo ano. Afinal, não dá mais pra fazer o igual, ou a cópia do vizinho. É preciso criar novas possibilidades, arquitetar projetos com criatividade, se reinventar. Neste processo, muito se aprende: se buscam referências, entender e estudar sobre cores, sobre tendências, o próprio mercado, administração, que possam agregar valor aos serviços e produtos da área da fotografia.

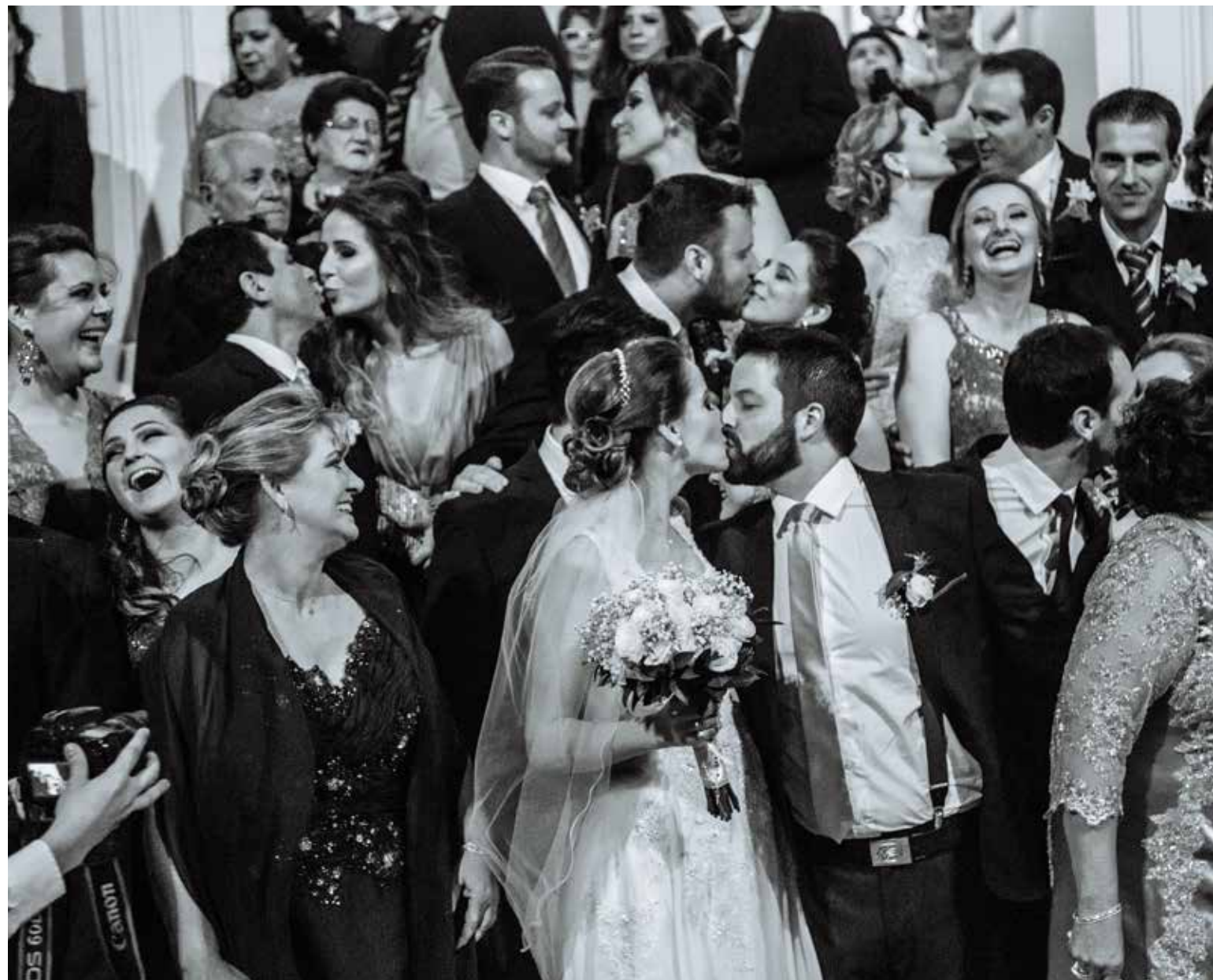
A partir destas referências, busca-se argumentos. Um projeto pode explicar o porque da sua fotografia. Pode mostrar que o seu jeito é único, e que você não apenas faz fotos da mesma forma que todo mundo. Por meio desse projeto, é mais fácil mostrar o seu motivo para o cliente, que explique seu objetivo, que tenha uma justificativa, e um propósito. Que crie argumentos que explique para seu cliente o seu trabalho, seu diferencial em imagem e conteúdo.

Dentro desses pequenos grandes projetos, o fotógrafo

se apropria de sua responsabilidade como criador, ao propôr novas possibilidades de narrativas e poses, não necessariamente fazendo a mesma seqüência de fotos de sempre e/ou do que está na moda. E nisso o processo criativo é que faz a diferença. A experiência do fotógrafo importa muito na criação, pois pode proporcionar resultados interessantes. O fotógrafo pode tornar-se ainda o proponente de mudanças na educação visual do cliente – assim, ele não apenas se submete aquilo que o cliente gosta, sendo ele mesmo um agente de criação de novas narrativas fotográficas. Já dizia Paulo Freire que: “educar é impregnar de sentido cada ato cotidiano”.

O fotógrafo tem o privilégio de estar em muitos locais restritos em atividades de protocolo. Desta forma, pode propôr uma interlocução com seus retratados com imagens fotográficas que vão além do tradicional e convencional. O importante é aprofundar seu conhecimento específico para desenvolver argumentos críticos.

Fotografar é um processo que envolve planejar, criar um repertório - para entender os elementos da linguagem. Compreende também um recorte que estabelece uma ligação entre o contexto e o nosso modo de ver e entender o mundo. Significa executar, avaliar, reinventar, buscar intenções, estabelecer novos diálogos com a imagem e com o cliente. Desta forma,



estabelece uma relação de respeito das diferentes vivências e culturas cotidianas, valorizando a arte ao olhar com atenção, e ressignificando para impregnar de sentido a experiência da imagem fotográfica.

Estamos no momento de desafiar o olhar, questionar, para atuar de forma crítica, ética e comprometida. Às vezes, é até mesmo preciso desconstruir o próprio olhar, para poder perceber de forma diferente e com novos significados.

A ideia de um pequeno grande projeto é sistematizar o saber de um fotógrafo, para transformar em algo novo, elaborado e criativo, mas sobretudo consistente. Sempre com a consciência de fazer não mais só para vender, realizar não só para o resultado, pois às vezes o aprendizado é o melhor no percurso dessa experiência.

Também é válido lembrar que pode-se conhecer não para competir. Um fotógrafo pode

unir-se a outros para construir um projeto maior, ampliar seu conhecimento em outras áreas, outras linguagens. Afinal, um projeto vai além do pessoal. Pode-se buscar parceiros, projetos de lei de incentivo, extrapolando a lógica comercial, e adentrando já no campo das artes.

Para começar um projeto, pode-se conceber um plano de ação a ser executado em um tempo determinado, o que vai permitir a sua realização. Depois, pode-se seguir os seguintes passos.

Elaboração do projeto – estrutura básica

1. Introdução
2. Objetivos
3. Métodos
4. Orçamento
5. Fontes de financiamento ou plano de financiamento (se necessário)
6. Equipe e/ou coletivo de criação
7. Cronograma de execução
8. Referências visuais e bibliográficas

A partir de qualquer fotografia, pode-se dar o início de um projeto. Basta ter uma sequência de imagens, no qual se tenha um contexto para dar sentido, ou um propósito para uso de determinada técnica fotográfica. Cabe lembrar que um projeto não é uma forma de engessar a fotografia, pelo contrário: ele deve conferir liberdade e criatividade às imagens. Afinal, como ensina o fotógrafo da Agência Magnum Sergio Larrain “uma boa imagem é criada por um estado de graça. E a graça se manifesta quando se vê liberta das convenções, livre como uma criança em suas primeiras descobertas do mundo. A brincadeira é, então, organizar o retângulo”.



projetos

Leis de Incentivo Caxias do Sul



Um projeto cultural tem como principal objetivo o desenvolvimento de um produto cultural, como a edição de um livro, a realização de uma exposição fotográfica, a realização de um festival. Ele possui um eixo central: a cultura e as artes, e não necessariamente contempla retorno financeiro, não visa lucros. Envolve desenvolver um projeto conceitualmente, com planejamento de etapas, definidas a partir de seus objetivos e justificativas. Por fim, sua execução visa a elaboração do produto cultural a que se destina.

As leis de incentivo são poderosos instrumentos de política pública para a execução destes projetos culturais. Tanto empresas quanto pessoas físicas podem utilizar de um percentual do valor devido

governo em forma de impostos, para a viabilização de projetos culturais aprovados.

Quando se paga um imposto, algo que é obrigatório, nunca se sabe onde estão sendo aplicados estes recursos pelo poder público, não há como saber no que se traduzem efetivamente estes valores para a sociedade. Mas, ao doar para um projeto cultural, o doador enxerga o seu imposto dando frutos, se cristalizando em uma ação tangível.

Ação esta que traz enormes benefícios para a sociedade. A cultura está profundamente vinculada



à educação. Projetos culturais se traduzem em novos livros, novas exposições fotográficas, que incetivam e ensinam valores ao público que tangem. Desta forma, permitem que os artistas possam expressar as suas ideias, e também influenciam a sociedade a aprender com tais produtos e se inspirar a produzir também.

Ainda, as leis de incentivo são uma forma de uma empresa aumentar a visibilidade de sua marca, já que o logo é usado nos materiais do projeto cultura. Potencializam assim a valorização da cultura e da arte, e empresas identificadas com esses valores possuem maior credibilidade perante seus clientes.

Além de todos os benefícios intangíveis que a cultura traz, há que se comentar também nos resultados financeiros já que, ao aprovar um projeto para um livro, por exemplo, um escritor vai contratar diversos fornecedores para executar o seu trabalho. Serão gráficas, designers, fotógrafos, empresa de eventos e assessoria de imprensa, entre outros, que vão ter oportunidades de novos negócios.

De acordo com uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas divulgada em dezembro de 2018, a Lei de Incentivo à Cultura Federal (antiga Lei Rouanet) – outra forma de incentivo à cultura – a cada R\$ 1 investido por patrocinadores em forma de impostos, R\$ 1,59 retorna para a sociedade. Isto porque, desde o início de sua execução, a lei teve impacto econômico de R\$ 49,8 bilhões na sociedade brasileira. (Fonte: O Globo - <https://oglobo.globo.com/cultura/lei-rouanet->

[para-cada-1-investido-159-retorna-para-sociedade-diz-fgv-23307244](https://oglobo.globo.com/cultura/lei-rouanet-para-cada-1-investido-159-retorna-para-sociedade-diz-fgv-23307244))

A lei de incentivo municipal – LIC Municipal de Caxias do Sul - visa garantir isenção fiscal dentro dos limites estipulados pela própria legislação para empresas que recolhem ISSQN (Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza), pois só empresas que prestam serviços e que recolhem este tipo de imposto estão aptas a patrocinar projeto aprovado por esse mecanismo no âmbito municipal. A LIC Municipal de Caxias do Sul também oferece possibilidade de captação de recursos de qualquer pessoa ou empresa que possuir imóveis a partir do IPTU (Imposto Predial Territorial Urbano).

Na prática, isso significa que a empresa que paga estes tributos pode contribuir com um projeto cultural. Apenas é necessário alguns trâmites para expressar a sua vontade de colaborar com os seus impostos para que sejam usados no desenvolvimento de um projeto cultural.

O decreto da Lei Municipal estabelece duas principais modalidades de incentivo fiscal - que uma empresa ou uma pessoa física pode contribuir para um projeto cultural. Em ambas as modalidades, pode ser feita a transferência de até 20% do imposto devido - ISSQN e/ou IPTU. A diferença entre elas é que, como doação, a empresa destina 90% desse valor do recurso, e paga 10% para o projeto. Já como patrocínio, a empresa destina 70% desse valor do





recurso, e paga os outros 30% para o projeto, com a obrigatoriedade de seu logo aparecer nos materiais de divulgação do projeto.

Um exemplo de doação seria: se a sua empresa paga R\$ 50.000 de ISSQN, pode doar até R\$ 10.000 para o projeto. Destes R\$ 10.000, R\$ 9.000 provém do imposto, e os outros R\$ 1000 a empresa paga de seu próprio recurso. Mas então não é obrigatório que o logo da empresa apareça em todos os materiais de divulgação do projeto, como folders, banners, adesivos.

Um exemplo de patrocínio seria: se a sua empresa paga R\$ 50.000 de ISSQN, pode doar até R\$ 10.000 para o projeto. Destes R\$ 10.000, R\$ 7.000 provém do imposto, e os outros R\$ 3.000 a empresa paga de seu próprio recurso. E então o logo da empresa vai aparecer em todos os materiais de divulgação do projeto, como folders, banners, adesivos, obrigatoriamente.

Seja na modalidade que for, o que importa é as empresas entenderem como podem colaborar com a cultura da sociedade onde estão inseridas. Isso só traz lucros a todos. Afinal, uma sociedade com mais cultura é um povo com mais educação, cidadania, saúde e, conseqüentemente, segurança.

***Com apoio da produtora cultural
Florencia Del Carmen Nieto**

LIC Municipal Caxias do Sul

Patrocínio

PORCENTAGEM

A empresa

pode fazer a transferência de até 20% do imposto (ISSQN ou do IPTU)



REGRA



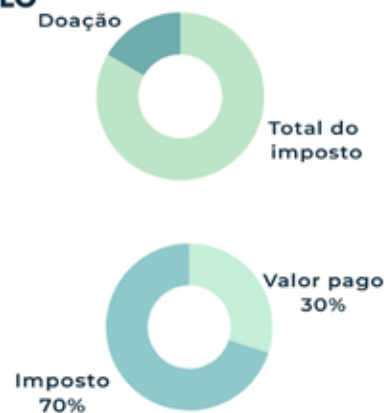
Obrigatório

o logo da empresa nos materiais de divulgação do projeto

EXEMPLO

Valores

Se a empresa paga R\$ 50.000 de ISSQN, pode doar até R\$ 10.000 para o projeto. Destes R\$ 10.000, R\$ 7000 provém do imposto, e os outros R\$ 3000 a empresa paga de seu próprio recurso



RETORNO



De marketing para a empresa, e de credibilidade por apoiar projetos na sua comunidade

SOCIEDADE

O acesso à cultura promove uma comunidade com mais educação, cidadania, saúde e até segurança



LIC Municipal Caxias do Sul

Doação

PORCENTAGEM

A empresa

pode fazer a transferência de até 20% do imposto (ISSQN ou do IPTU)



NÃO É REGRA



Facultativo

NÃO é obrigatório que o logo da empresa apareça em todos os materiais de divulgação do projeto

EXEMPLO

Valores

Se a empresa paga R\$ 50.000 de ISSQN, pode doar até R\$ 10.000 para o projeto. Destes R\$ 10.000, R\$ 9.000 provém do imposto, e os outros R\$ 1000 a empresa paga do próprio recurso.





análise - festival de fotografia

15° Paraty em Foco



Migrações. Este foi o tema do 15º Festival de Fotografia Paraty em Foco 2019. O Brasil é um país de migrantes. Pensar os sentidos e as travessias no tempo e no espaço é o que propôs os quatro dias de festival – de 18 a 22 de setembro. Seja migrações de pessoas, ideais, culturas ou imagens. E o tema não poderia ser mais pertinente neste momento que o mundo atravessa. Além do mais, o próprio idealizador do festival, o italiano Giancarlo Micarelli, é um imigrante que propôs este festival a 15 anos atrás.

Paraty em Foco nos fez migrar pensamentos, para ajustar o foco em imagens. Migrar é deslocar-se por um espaço, de forma temporária ou permanente, em um determinado tempo. Estamos em constante



fluxo migratório, desencadeado pelas mudanças em nosso espaço e em nosso tempo. Só nos resta prestar atenção na experiência da travessia e no percurso dos sentidos nesse processo de tempo.

Confira as impressões da Sala de Fotografia nestes dias de evento na histórica cidade do Rio de Janeiro – e agora declarada Patrimônio da Humanidade pela Unesco.

Exposição

Para começar nossa jornada em Paraty, ouvimos o relato de Marina Klink, contando sobre a travessia a remo na América Latina, feito que já completa 35 anos. Marina falou sobre a parceria com o festival Paraty em Foco, já que a casa da família, denominada Casa PEF-Klink, é agora um centro cultural em Paraty, e abriga histórias e exposições. A exposição de Marina Bandeira Klink nos mostra a partir de suas experiências a Antártica, a última fronteira. São imagens de uma viagem silenciosa, da natureza intacta, majestosa e linda.

Palestras

A abertura do festival neste ano ficou a cargo de Juan Esteves, que conversou com Ueslei Marcelino, na mesa intitulada “A grande caravana rumo ao norte”. Ueslei foi premiado como Fotógrafo do Ano de 2018, pela sua atuação na agência de notícias Reuters. Juan e Ueslei falaram do sincronismo e conexões ao longo da vida de ambos.

A palestra trouxe um depoimento sensível da trajetória de um fotógrafo da Reuters, que está na equipe vencedora do prêmio Pulitzer 2019 pela cobertura da caravana de migrantes da América Central, que ao longo dos meses de outubro e novembro de 2018, atravessou o México até a fronteira com os Estados Unidos. A história atraiu a atenção da imprensa internacional para a explosiva questão migratória.

A caravana saiu de Honduras com destino aos EUA. Ueslei iniciou sua fala dizendo que dedicação, muito mais que sorte, é o que define este trabalho. Foram 62 dias imerso na vivência do projeto da Travessia. Edgar Garrido, chileno, foi junto



fazer a cobertura. Foram de 100 a 150 pessoas trabalhando para poder publicar esta reportagem.

No fim de novembro, um ano e meio depois, ele buscou estas famílias para saber o que houve.

“O fotojornalista tem que ter coragem, mas também medo. Tem que se envolver na história, porque estas pessoas largam tudo, mesmo que seja o pouco que tem, e saem em busca de uma vida melhor para sua família, seus filhos.” Ueslei Marcelino

A mesa seguinte no Paraty em Foco trouxe Paulo Marcos M. Lima conversando com o artista visual Marcos Bonisson e com o fotojornalista Rogério Reis.

Rogério iniciou mostrando trabalhos relacionados às questões urbanas a partir da série Na Lona, Exaustão e Surfistas de Trem. Ele falou também de suas personas: “Em Copacabana sou fotógrafo, artista. No Leblon, sou paparazzi – dos anônimos, do cara que vai ficar famoso, o trabalho dos encobertos.” E citou tópicos para uma boa convivência com as pessoas na praia: ser tolerante com os banhistas, com os guardas, com a estrutura...

Marcos Bonisson tem seu trabalho ancorado na literatura e também experimenta com as passagens entre a fotografia e a imagem em movimento. Ele resgatou sua trajetória artística com imagens ainda inéditas da Série Vermelha. Ele ainda descreveu um percurso de vida e trabalho, desde as observações das pinturas de Caravaggio, a capacidade de ler e de formar imagens, imerso na biblioteca de seu pai - com a literatura iniciou seu processo de fabular imagens. Depois disso, acabou por viver no Parque

Lage, iniciando com desenho, gravura e metal, além do cinema, e mais tarde o mundo da fotografia.

“Assim a fotografia consegue me dar liberdade para colocar em prática algumas das minhas experiências imagéticas, de uma criação mais espontânea que está na cabeça e o processo criativo consegue criar de forma poética o cotidiano. Um percurso que vai em zig em zag, um processo de muitos caminhos, de muitas mudanças e de realmente experimentações de diversas possibilidades.” Marcos Bonisson

Marcos ainda falou do Parque Lage como um espaço mágico, espaço este que pode ser onde se convive, mesclando o cotidiano e séries sem o limite de uma finalização.

“Essas vivências me deixam sem uma forma de acabar, o que me atormentava muito, sem a finalização das séries. Com a experiência, percebi o peso disso e que posso deixar as séries sem acabar, com a possibilidade de revistá-las quando quiser.” Marcos Bonisson

O artista também falou do trabalho e sua relação com a linguagem, fazendo um resgate com as relações e suas experiências mais próximas, com a infância e suas marcas de referência em desenvolvimento. Marcos afirmou que o trabalho precisa de uma proposição efetiva, um propósito. Às vezes, pode ter uma relação com a expectativa de observador, de espectador.

Escuta

A quinta-feira do festival ainda trouxe a artista visual suíço-brasileira Sonia Guggisberg conversando

com Michele P. Pucarelli na mesa intitulada “Silêncio”.

Sonia falou de sua produção documental a partir de suas experimentações com diversos suportes, combinando uma poética política em uma busca por interrogar a invisibilidade dos migrantes, tratados como pessoas sem história, números sem voz. Falou ainda do processo criativo que resultou nesse trabalho e os desdobramentos já realizados.

“Refugiado é palavra que esvazia o ser humano de qualquer possibilidade, de nacionalidade, de tudo. Pra mim é a minoria da minoria. É o abandono de sua casa, mas também de seus sonhos, tudo ficou pra trás. Eles chegam num novo país querendo dar seu melhor, mas são indesejados. Fui pra dentro de campo de refúgio, escutar voz, escutar história deles, sem tentar decifrar o que é a história deles. Fui documentar a arte, sem me ater a questão da identidade. Por isso que rostos são preservados. Gostam de privacidade, sobretudo mulheres e crianças, os árabes.” Sonia Guggisberg

O que passa a dar sentido a essas experiências foi o processo de testemunhar vidas anônimas, mergulhar nos seus movimentos, dissolver as alteridades e explicitar um certo modo de percebê-las a partir de imagens e sonoridades.



“Falei pra um menino que me pediu ajuda: não sei se posso te ajudar, mas posso te escutar. Ele era Sírio. Teve a família toda morta, e ele cruzou até Malta, sozinho. Ele disse que tentava estudar, mas todo dia ele esquecia.” Sonia Guggisberg

Sonia buscou traduzir e interrogar a presença do silêncio em diferentes instancias. “A espera – o que significa?”

“A genialidade do artista é dar visibilidade ao que não está visível. Talvez estejamos no momento em que a arte retorna ao real.” Sonia Guggisberg

E completou que a arte pode servir como um instrumento de reflexão, documentar sensibilidades, provocar um sentimento, mergulhar nas questões com uma dignidade.

“Artistas têm inúmeras escolhas. A minha escolha é usar arte como instrumento de reflexão sobre as invisibilidades. O meu papel como artista é documentar sensibilidades, dar voz a essas pessoas, trazer a discussão à tona.” Sonia Guggisberg

Para Pucarelli, o trabalho de Sonia toca em pontos que ninguém quer ver.

“Uma das missões mais nobres de um artista é dar visibilidade a algo que ainda está invisível. E Sonia faz isso com um tema que é muito incômodo, e dando dignidade a seus retratados.” Michele P. Pucarelli

Sobre o tema da mesa, Sonia se referiu ao silêncio da invisibilidade de milhões de pessoas, o silêncio das imagens



que gritam pela urgência da realidade e de suas consequências ainda sem solução. O silêncio que reflete o esvaziamento de vidas, de seus passados e futuros. Trata-se de um silêncio que transforma a realidade em lacuna e apresenta seu testemunho em um discurso audiovisual e sonoro.

“Países que estão sendo destruídos vão perdendo a sua memória, não só identidade. Porque as ruínas levam as memórias das pessoas também, quando esses prédios são destruídos, as pessoas se arruinam também.” Sonia Guggisberg

Sonia ainda questionou se a sociedade da informação poderia ser talvez a sociedade da desinformação. O excesso nos deixa na superfície, em uma situação plana e superficial.

“O excesso de informação mantém todo mundo na superfície, isso impede que você pare pra refletir sobre algo específico. Estamos consumidos pelo excesso. O trabalho mais longo permite que você entre no assunto de uma maneira diferente. Fiz 6 viagens, cada um fiz um curta. Uma por ano, sempre no final do ano. Os campos antes eram controlados por ONGs, era mais gentil. Então que se fecharam estes locais, ficou mais feroz. No começo, todo mundo queria ajudar, agora todos cansaram. Muitas histórias é o tempo que vai construir. Não era em uma única viagem que eu poderia fazer uma reflexão mais profunda. Você precisa ter determinação de ter mais tempo pra ver a história, ver como ela se desenha, pra sair do superficial.” Sonia Guggisberg

Ainda de acordo com Sonia, o principal canal da fotografia hoje é a imagem fixa, o movimento, a narrativa, a sonoridade. A partir disso, fez curta-metragens sobre a sua experiência com refugiados.

Segundo Pucarelli, Sonia consegue se conectar com o atual na sua linguagem.

“O principal canal de visibilidade da fotografia hoje é a rede social. E a característica da rede é ter fixa, em movimento e a narração. Ideia de expansão da fotografia faz parte desse canal, se apropriar dele. E o trabalho da Sonia está antenado com tudo que está acontecendo.” Michele P. Pucarelli

Fotografia e Viagem

Eliane Band e Maria Daniel Balcazar falaram na quinta do festival, em uma mesa comandada por Bruna Veloso sobre “Fotografia e Viagem”.

Eliane falou sobre Retratos em cumplicidade. Ela conta que retratou o mundo visto de sua montanha interior. Disse ainda que deixou um Himalaia de medo, e ganhou dignidade, uma força com a relativização do sofrimento,

um sentimento de pertencimento, um caminho, um lugar inimaginável, uma generosidade. Saiu de um mundo pequeno para ser mais humana, mais forte e mais generosa.

Maria Daniel Balcazar apresentou Kilombo, uma obra centrada na vitalidade do sincretismo e na beleza da vida cotidiana. A série é resultado de quatro anos de viagens ao Brasil para registrar as marcas da diáspora africana na formação do povo brasileiro. O material gerou um livro editado por David Alan Harvey, membro pleno da agência Magnum e fundador da Burn Magazine.

No Brasil, o Quilombo representa uma comunidade autônoma de escravos foragidos que plantaram as sementes da herança afro brasileira. O título dessa série, Kilombo, tem origem bantu e realça o significado de fuga da injustiça e da violência. É um símbolo de dignidade e liberdade com ênfase na resistência e na transcendência da diáspora africana, geração após geração.

Maria Daniel contou que depende da cultura, respeito, amor, sentimentos, somos resultado do pessoal e do meio cultural. Culturas que elevam a alma então de respeito e confiança. As dificuldades se dissipam com o resultado da experiência. Lidar com as formas, passar pelo caminho com uma dose de amor, provar a experiência como um todo.

Raízes

Ângela Magalhães e Nadja Peregrino conversaram com Andreas Valentin e Januário Garcia - que definem duas matrizes da cultura brasileira, a europeia e a africana - sobre "África-Europa, Raízes de um Brasil

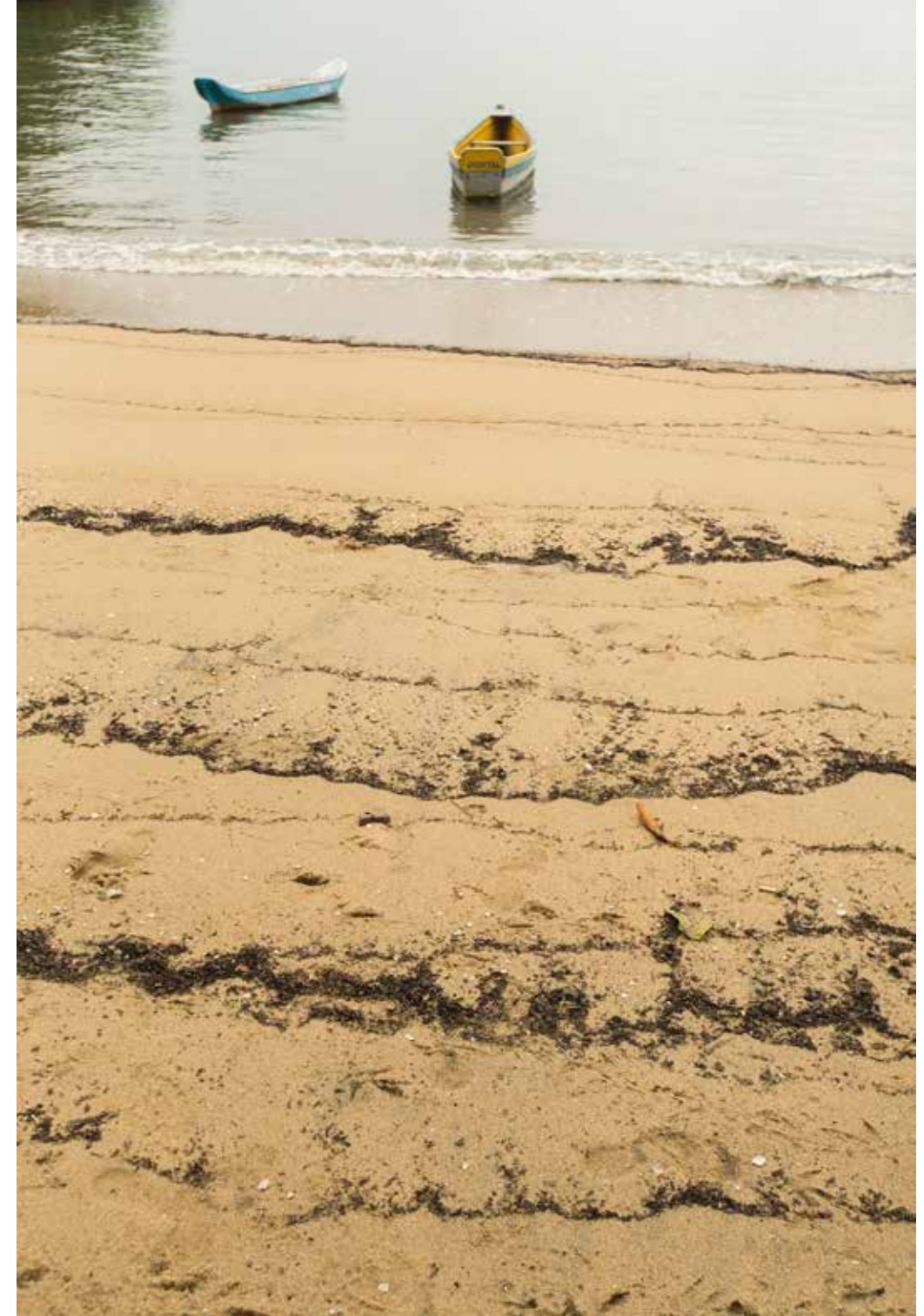
Múltiplo".

Andreas descreveu seu processo criativo e o projeto Berlim - Rio Trajetos e Memórias, baseado em acervo de fotografias deixado por seu pai. Ele ainda apresentou uma cartografia da memória de sua família, descendente de alemães. A partir de uma bolsa da Marc Ferrez, em 2015, iniciou o projeto Berlim - Rio. Pesquisou a trajetória de seus avós, com os escritos, as imagens e o material histórico que sua família guardou como arquivo pessoal. Andreas trouxe muitas referências de projetos com acervos e arquivos pessoais, como André Pentead, Jorge Bodansky entre outros com práticas materiais de comportamento, uma vida em movimento e uma vida animada. Pedro Vasquez com a memória de todos nós e espelho mágico de sua história.

E Januário Garcia apresentou a sua trajetória de 40 anos a documentar as matrizes africanas na cultura brasileira. Ele nos deixou com a sensibilidade a flor da pele com o breve relato de sua infância e juventude, com uma história de muita resiliência e com as sábias palavras de sua mãe - "você tem que ser plural para se tornar singular".

Ele nos conduziu com a sutileza de suas palavras a uma forte reflexão com relação as nossas relações com o preconceito e com as políticas públicas. Para o artista, um país que não fez reforma agrária, não se constitui com as suas terras, e assim não temos uma cidadania plena.

Ainda segundo Januário, a cultura é política, mas a política não é cultura: a cultura é uma arma de libertação que cada batalha manifesta. E a fotografia pode ser usada para contar a história da comunidade.





E concluiu: o tempo é uma ilusão, e a falta de tempo, um processo capitalista.

Europa e América

Na última palestra da quinta, Érico Elias apresentou o trabalho de dois fotógrafos nórdicos, que trabalham com projetos importantes sobre a crise migratória: o holandês Pieter Ten Hoopen e o norueguês Espen Rasmussen. A mesa era intitulada “Imigrantes na Europa e na América”.

Pieter fundou em Estocolmo a Civilian Act, empresa voltada à produção de narrativas visuais acerca de questões humanitárias. Ele ganhou o World Press Photo 2019 com imagens da cobertura da caravana de migrantes da América Central rumo à fronteira do México com os Estados Unidos no final de 2018.

Espen também trata dos crescentes fluxos migratórios, sobretudo em solo europeu, no projeto TRANSIT, que em 2007 ganhou o prêmio da Fritt Ord Foundation e em 2011 foi objeto de um livro e uma grande exposição realizada no Nobel Peace Center, em Oslo.

Novos temas

Ângela Magalhães e Nadja Peregrino entrevistaram o fotógrafo açoriano Orlando Azevedo, radicado em Curitiba desde 1963, em uma mesa intitulada “Mestiço: Retrato Do Brasil” na sexta do festival. Orlando desenvolveu o projeto Coração do Brasil por mais de 20 anos e já rodou do Chuí ao Oiapoque: foram milhares de quilômetros retratando. O resultado desse trabalho é o livro que dá nome a mesa. Ele terminou a mesa mostrando um expressivo trabalho de fotógrafo que registra o cotidiano e detalhes da urbanidade – demonstrando a importância do fotógrafo de registrar em imagens a preservação da estética na sua simplicidade.

O cineasta e escritor Gregorio Bacic fez a mediação da conversa com Angelo Iacocca e Emídio Luisi na mesa intitulada “Imagens da Imigração Italiana”. Angelo mostrou imagens da imigração italiana em São Paulo, no início do século XX, objeto de uma extensa pesquisa, que resultou na publicação de um livro. E Emídio exibiu imagens da imigração italiana para o Brasil de ontem e de hoje. A etnografia das trocas simbólicas entre a Itália e o Brasil.

Gregório Bacic também relatou suas origens: é descendente de imigrantes croatas da região da Dalmácia, que também vieram em grande número e aqui estabeleceram laços com os italianos, dada a proximidade dos dois países europeus.

Já Eduardo Queiroga conduziu a mesa com os franceses Alex Baradel e Vincent Rosenblatt, com trabalhos relacionados a cultura popular de matriz negra. O tema era “França-Brasil-África”.

Alex Baradel é membro da Fundação Pierre Veger, e apresentou a obra do fotógrafo que dá nome a entidade. Pierre Fatumbi Verger (1902-1996) encantou-se por Salvador ao aportar na cidade em 1956. No Brasil, foi um dos principais fundadores da fotografia moderna e dedicou-se a retratar os laços culturais que unem a Bahia à África.

Vincent Rosenblatt, radicado no Rio de Janeiro desde 2002, projetou suas séries sobre o baile funk e as festas pretas nas comunidades cariocas.

Premiação

Convocatórias sempre são importantes em festivais de fotografia, já que permitem dar visibilidade a fotógrafos e impulsionam carreiras. E a Convocatória Portfólio em Foco é um dos principais eixos do Paraty em Foco. Em 2019, recebeu 1.014 inscrições nas categorias Ensaio e Foto Única. Érico Elias, JR Pedroza e Roberto Soares-Gomes falaram sobre a organização





deste projeto. A mesa ainda abriu espaço para os três primeiros colocados nas duas categorias falarem sobre os trabalhos ganhadores da Convocatória, o que reforça seu caráter inclusivo. Os ganhadores foram: Gabriela Vivacqua, Reiko Otake, Matías Quirno Costa, Virgínia Yunes, Claudia Guimarães e Felipe Paiva.

Referências

Já no sábado do festival, a mesa “Os Imigrantes na Formação da Fotografia Brasileira” trouxe muitas referências da história da Fotografia no Brasil.

Rubens Fernandes Jr. e Sergio Burgi propuseram uma leitura de algumas referências de fotógrafos estrangeiros que fazem uma grande contribuição com a formação da fotografia brasileira: Georges Leuzinger, Augusto Stahl, Revert Henrique Klumb, Guilherme Gaensly, George Huebner, Theodor Preising, Hildegard Rosenthal, Alice Brill, Stefania Bril, Madalena Schwartz, Thomaz Farkas, Marcel Giró, Maureen Bisilliat, Claudia Andujar.

Rubens Fernandes Jr. teve como referência sua própria coleção, uma das mais importantes coleções pessoais do Brasil. Sérgio Burgi trouxe como referência o acervo do Instituto Moreira Salles.

Mesa Fotografe Melhor

Sérgio Branco entrevistou os fotojornalistas Fabio Teixeira e Tadeu Vilani, os quais têm trabalhos documentais de longo prazo, na mesa que leva o título da revista Fotografe Melhor.

O gaúcho Tadeu Vilani vem se dedicando ao registro de questões humanas ligadas à identidade. Nascido em Santo Ângelo, na região das Missões, ele registra os diversos grupos étnicos que formam a cultura gaúcha.

Fabio Teixeira é paulista de Piracicaba e está radicado no Rio de Janeiro desde 2010, onde atua como fotojornalista freelancer e desenvolve documentação de histórias em longo prazo. No PEF, ele apresentou o trabalho desenvolvido junto à comunidade congoleza no Rio.

Cláudia Andujar e Sebastião Salgado

Duas grandes personalidades da fotografia brasileira tiveram seus trabalhos projetados e comentados por Thyago Nogueira, Evandro Teixeira e Pedro Vasquez.

A noite se iniciou com as imagens de Claudia Andujar. Ela exibiu seu trabalho com os Yanomami e a causa indígena pela defesa da demarcação de sua reserva e da preservação da floresta Amazônica, relação que vem desde a década de 1970.

O encontro seguiu com uma revisita ao projeto Êxodos, de Sebastião Salgado, finalizado em 2000. Salgado preparou uma apresentação de imagens especialmente para ser projetada na edição de 15 anos do Paraty em Foco. À seguir, Evandro fez um breve relato de sua relação de amizade com Sebastião e sua grandiosa obra. Mas depois, não se sentindo bem, saiu antes da projeção de imagens.

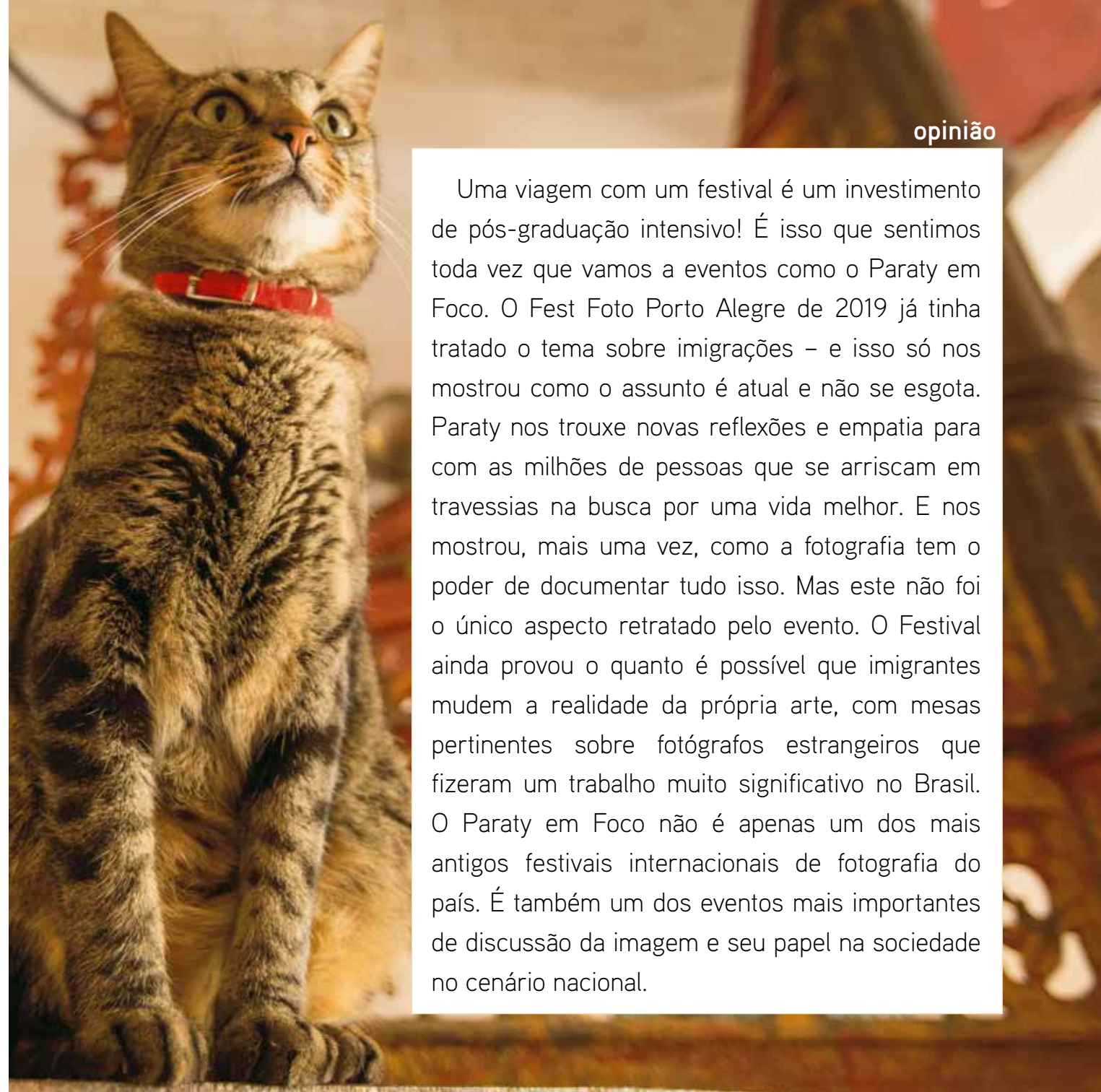
Programação paralela

Vale ressaltar que o Festival de Paraty é um projeto que foi acolhido pela comunidade de participantes, amigos e simpatizantes do Festival. Por meio de ações consegue financiar o projeto, como a Convocatória, o portfólio e a Selfi, encontros e entrevistas, workshops além da Tenda de projeções - que têm sido um dos pontos fortes, cada vez com mais relevância, a partir da aproximação do universo da fotografia com uma imagem em movimento. Desde 2016, o festival tem enfrentado uma nova realidade cultural com a escassez de recursos de financiamento principalmente para projetos de eventos culturais. Mas graças a um processo colaborativo, tem-se reiventado e continua a produzir e realizar ações muito importantes, trazendo novos olhares e principalmente possibilidades de dar visibilidade a outros projetos fotográficos que acontecem pelo mundo a fora.

A cidade de Paraty também se torna uma referência no projeto do festival por ser um espaço de encontro, de simplicidade e alegria em todos os locais cheios de imagens fotográficas.

opinião

Uma viagem com um festival é um investimento de pós-graduação intensivo! É isso que sentimos toda vez que vamos a eventos como o Paraty em Foco. O Fest Foto Porto Alegre de 2019 já tinha tratado o tema sobre imigrações - e isso só nos mostrou como o assunto é atual e não se esgota. Paraty nos trouxe novas reflexões e empatia para com as milhões de pessoas que se arriscam em travessias na busca por uma vida melhor. E nos mostrou, mais uma vez, como a fotografia tem o poder de documentar tudo isso. Mas este não foi o único aspecto retratado pelo evento. O Festival ainda provou o quanto é possível que imigrantes mudem a realidade da própria arte, com mesas pertinentes sobre fotógrafos estrangeiros que fizeram um trabalho muito significativo no Brasil. O Paraty em Foco não é apenas um dos mais antigos festivais internacionais de fotografia do país. É também um dos eventos mais importantes de discussão da imagem e seu papel na sociedade no cenário nacional.



aprendemos nos livros

“(...) baseia-se num equívoco estranho que tem a ver com sua dupla natureza de arte mecânica: o de ser um instrumento preciso e infalível como a ciência e, ao mesmo tempo, inexato e falso como a arte. A fotografia, em outras palavras, encarna a forma híbrida de uma ‘arte exata’ e, ao mesmo tempo, de uma ‘ciência artística’, o que não tem equivalentes na história do pensamento ocidental.”

Francesca Alinovi - 2006

Lugares que todo fotógrafo deve visitar

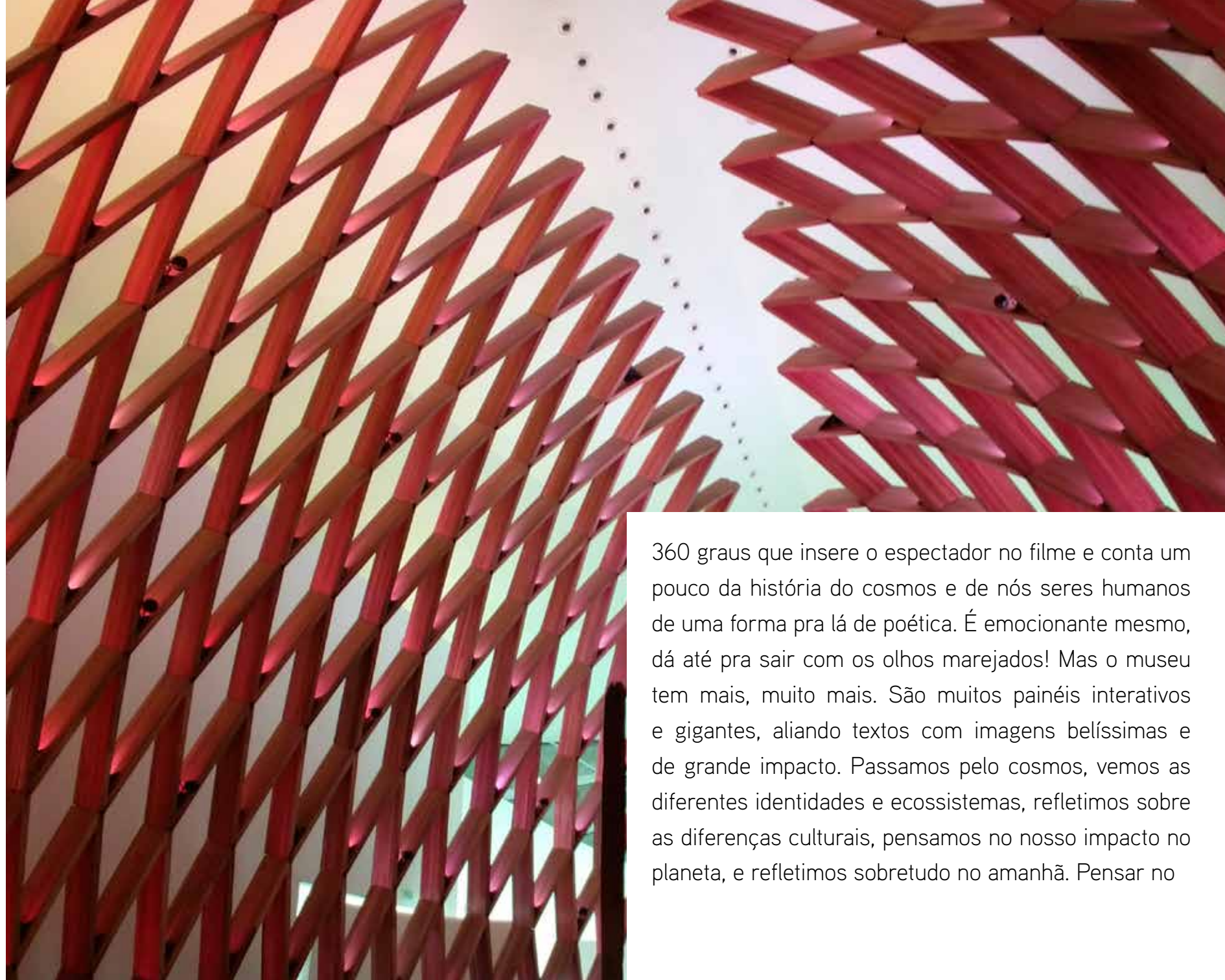
Museu do Amanhã

Fotos por Mateus Kremer e Sabrina Didoné



O Museu do Amanhã, na cidade do Rio de Janeiro, é novo: foi inaugurado em 2015. Ele nasceu na zona portuária da capital, em um espaço revitalizado, e se propõe a ser um museu de ciências diferente. Sem dúvidas, ele atinge o seu objetivo, e na verdade, o supera. É uma experiência inesquecível a visita! A interatividade, as reflexões proporcionadas, o deslumbramento perante a tecnologia disponível, a diversão proporcionada conjuntamente com processos educativos, tudo conta para momentos mágicos. Para quem ama fotografia, ou trabalha com imagens, há ainda mais para notar. Todos os aspectos técnicos de luz, desing, cenografia, fotografia, edição de vídeo, diagramação, artes gráficas, tudo no museu foi pensado nos mínimos detalhes e é de excelente qualidade.

Só pelo filme de abertura do Museu do Amanhã já valia a pena a visita. Ele é projetado em um globo



360 graus que insere o espectador no filme e conta um pouco da história do cosmos e de nós seres humanos de uma forma pra lá de poética. É emocionante mesmo, dá até pra sair com os olhos marejados! Mas o museu tem mais, muito mais. São muitos painéis interativos e gigantes, aliando textos com imagens belíssimas e de grande impacto. Passamos pelo cosmos, vemos as diferentes identidades e ecossistemas, refletimos sobre as diferenças culturais, pensamos no nosso impacto no planeta, e refletimos sobretudo no amanhã. Pensar no



futuro sem perder de vista o hoje, já que, como diz um texto do museu, nosso legado vai depender do que decidirmos fazer hoje. Ainda, o museu envolve o espectador em jogos, em telas interativas, vídeos, imagens gigantes. A trajetória pela exposição que o visitante percorre conseguiu sintetizar muito bem o que precisamos atentar para o futuro: a convivência, a tolerância ao diferente, e a preocupação com as mudanças climáticas.

Pra completar, tudo isso fica num prédio com uma arquitetura incrível, com uma vista surreal para a Baía de Guanabara. Precisa mais? Não tenho mais palavras. A visita em dinheiro custa 20, mas em experiência, ah, em experiência não tem preço. Aproveite para passar no Museu de Arte do Rio (MAR), do outro lado da praça, que também vale demais a visita.

O Museu do Amanhã foi originalmente concebido pela Fundação Roberto Marinho, e é um equipamento da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, que opera sob gestão do Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG). Ainda, possui uma rede de patrocinadores, em uma parceria entre o poder público e a iniciativa privada. Desde sua inauguração, mais de três milhões de visitantes já passaram pelo espaço, aprendendo mais sobre as oportunidades e os desafios que a humanidade terá de enfrentar nas próximas décadas em relação à sustentabilidade e à convivência.





A escultura Puffed Star II, do artista americano Frank Stella, doada ao Museu do Amanhã. A obra é uma estrela de vinte pontas e seis metros de diâmetro que foi instalado no espelho d'água do museu, em frente à Baía de Guanabara.

expedições fotográficas

Diário de uma viagem ao México



A Sala de Fotografia embarcou para a sua 10ª expedição fotográfica internacional em outubro de 2019. O destino desta vez foi o México, e um dos objetivos da viagem era fotografar a tradicional Festa dos Mortos, declarada como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Unesco. Mas o grupo de nove pessoas conduzido pela fotógrafa Liliane Giordano viu muito mais nestes 16 dias de viagem e mais de três mil quilômetros pelas estradas mexicanas! Logo depois da festa dos mortos na capital, o pessoal seguiu por um tour pelas principais cidades históricas do país, em um roteiro bem diferente do convencional. Confira neste diário um pouco do que vimos por lá!



San Juan Teotihuacán Cidade do México



30/out

Chegamos MESMO no México! Nosso primeiro passeio no país iniciou com uma caminhada pelo sítio arqueológico de Teotihuacan (com 83 km²), no município de San Juan Teotihuacán, a nordeste da Cidade do México. É um Patrimônio Mundial pela UNESCO desde 1987.

Depois seguimos para a Basílica de Guadalupe, na capital mexicana, considerada o principal templo da Igreja Católica no continente americano e um dos mais visitados do mundo, recebendo cerca de 20 milhões de fiéis anualmente.





01/nov

Visitamos Coyoacán, bairro boêmio da Cidade do México. Ele é famoso pelas ruas de paralelepípedos e pela arquitetura colonial. É ainda mais lembrado por abrigar o Museu Frida Kahlo, em homenagem à artista mexicana que é conhecida no mundo todo como um símbolo feminista. O local é dedicado a sua vida e obra, e fica na sua antiga casa, também chamada de Casa Azul por conta de suas paredes. Frida sofreu um acidente de ônibus quando era jovem, o que lhe causou múltiplas fraturas e a obrigou a usar diversos equipamentos ortopédicos ao longo da vida.





01/nov

Fomos também a San Andrés Mixquic, outro bairro da Cidade do México, que conseguiu manter suas tradições ancestrais para a morte. Os preparativos começam por dois ou três meses antes. Dias antes da celebração, tanto as casas quanto o túmulo do falecido são limpos e abertos para entrar ar novo e fresco para as almas. Visitar túmulos de descanso para famílias, lugares onde repousam as almas das crianças com os seus altares e oferendas; orações, cânticos e muito incenso fazem parte da festividade. As oferendas são decoradas com imagens religiosas; retratos, flores (principalmente a Zempatzuchitl), e oferecido aos mortos sal de frutas e água e outros quais foram os seus prazeres em vida. Velas acesas durante o dia todo fazem parte da festividade para adultos e crianças. Muita música e comida típica.



02/nov

Fomos à Cidade universitária de la UNAN - Patrimônio Mundial da Humanidade. Passeamos pela Cidade do México, praças e ruas, e no sul, um bairro marcante de classe trabalhadora dá lugar aos famosos canais de Xochimilco, os últimos remanescentes de um amplo sistema de transporte de água construído pelos astecas. Barcos coloridos parecidos com gôndolas fazem passeios com os visitantes enquanto passam por vendedores de comida, artesãos e bandas de mariachis. A atmosfera é festiva, especialmente no dia de hoje, 2 de novembro, dia da festa dos mortos!

Encerrando nossa experiência na Cidade do México. Dias intensos, com muita energia e emoções na Festa dos Muertos.





03 e 04/nov

Hoje estivemos em um maravilhoso e encantado Pueblo chamado de San Sebastián Bernal, fundado em 1642. Um Pueblo Mágico que tem um vulcão petrificado, uma grande pedra no alto da montanha, em meio aos campos de Querétaro.

Também visitamos Querétaro, que é um pequeno estado situado na região centro-norte do México. A capital, Santiago de Querétaro, com um aqueduto de 74 arcos, "Los Arcos", de pedra cor-de-rosa. O centro histórico tem uma arquitetura linda, com estilo colonial espanhol, igrejas como a de São Francisco, na cor ocre, e a de Santa Rosa de Viterbo, em estilo barroco, ainda uma praça cheia de encantos com suas árvores e flores.

Já San Miguel de Alende foi fundada em 1542, e em Julho de 2008 foi declarada Patrimônio da Humanidade pela UNESCO juntamente com o vizinho Santuário de Jesus Nazareno de Atotonilco.

Santiago de Querétaro San Sebastián Bernal

Guanajuato



05/nov

Estamos na cidade de Guanajuato! Localizada no coração do México é dona de uma arquitetura única, cujos prédios são exemplo da arquitetura colonial em estilo neoclássico e barroco. Ela também foi declarada como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO.

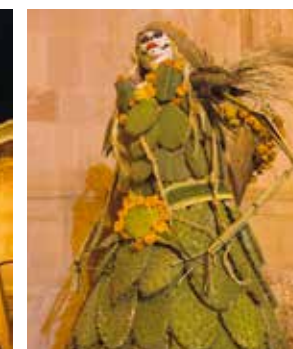
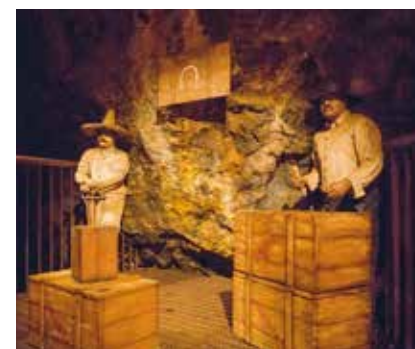


Zacatecas



06/nov

Visitamos mais um Patrimônio da Humanidade. Zacatecas foi assim declarada por sua arquitetura, layout urbano e irregularidade do alinhamento de suas ruas! A cidade é um tesouro colonial, uma bela cidade de pedras cor-de-rosa. Conhecemos também o teleférico da cidade, e a Mina do Eden!





Guadalajara Tlaquepaque



07 e 08/nov

Tlaquepaque era povoada por indígenas tonacas que produziam utensílios cotidianos e objetos de arte antes da chegada dos espanhóis. Hoje é um centro de manufatura que continua produzindo artesanato.

Visitamos também Guadalajara, que é a segunda maior cidade do México. Conhecida como a terra da tequila e do “mariachi”, ela é rica em histórias e tradições.

Tequila



09/nov

A famosa bebida tequila é feita aqui, na cidade de Tequila, no México! Ela é produzida da planta agave-azul.



Tzintzuntzan



10/nov

Nas margens do lago de Pátzcuaro, existem os herdeiros do Império de Purépecha, uma cidade mágica chamada de Tzintzuntzan, em cujo centro cerimonial existem câmaras funerárias para a elite pré-hispânica. As ruas de paralelepípedos e sua terra vermelha chamam a atenção. Aqui há uma rica herança histórica e tradições que coexistem com seu passado colonial e sua história de mineração.





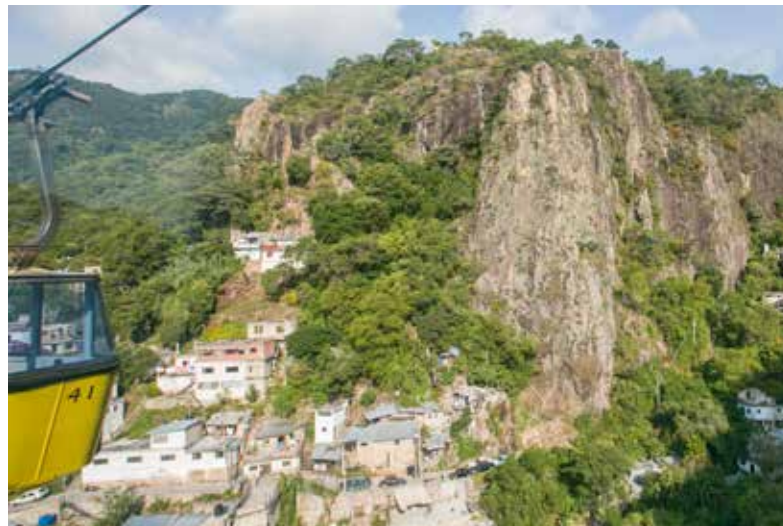
11/nov

Também visitamos outra cidade mágica, Pátzcuaro, que é o lar do povo Purépecha, artesãos. Aqui podemos ver seus artesanatos de madeira, ferro, cestaria, tecidos e cerâmica que, especialmente no dia dos mortos, são vistos com todo seu esplendor. É uma cidade encantadora, com mercados coloridos, cercada por montanhas e casas de adobe.

E ainda conhecemos mais um Patrimônio da Humanidade aqui no México: a cidade de Morelia! Seus monumentos são construídos com a pedra rosa característica da região.

Pátzcuaro
Morelia

Taxco



12/nov

A cidade de Taxco, no México, está encravada em uma área cercada por grandes colinas e montanhas, graças à intensa exploração de suas jazidas de prata. Seu povo vive do comércio e da produção de objetos do metal. Também estão preservadas as construções barrocas erguidas durante o auge da mineração. Suas belas ruas de pedras são caracterizadas por sua inclinação, e quase todas acabam em pracinhas, onde é possível caminhar, visitar o coreto ou sentar em um de seus bancos.



Acapulco



13 e 14/nov

Chegamos em Acapulco, a praia tão conhecida dos brasileiros devido ao episódio do Chaves! É também o destino de praia mais famoso do México, graças à sua beleza natural, às areias douradas, ao clima tropical, à temperatura agradável do mar e ao seu povo. Acapulco foi a nossa última parada no México!





opinião

A nossa expedição ao México foi uma viagem surpreendente! Foram 16 dias de se impressionar a cada esquina. O país impressiona pela beleza e cuidado com seu patrimônio histórico, sua rica cultura, suas tradições preservadas, pelo desenvolvimento de suas cidades e, sobretudo, pela simpatia do povo mexicano! Que recepção calorosa que tivemos em todas as partes que visitamos! Só podemos dizer, ao fim: até logo, México! Queremos voltar muito em breve para descobrir ainda mais belezas!



Vozes - Ensaio

MÉXICO

Por Jesus Carlos

Jesus Carlos é fotógrafo e membro da Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil. Neste sensível ensaio, ele mostra e conta sua experiência ao morar no país da América do Norte na década de 1980.

Greve de fome de camponeses em frente da Catedral Metropolitana, Zócalo, centro da cidade de México-DF, México, 1986. Foto: Jesus Carlos.



HISTÓRIA 1

Vivia em São Paulo no início dos anos 80 ainda quando resolvi fotografar e conhecer o México. Naquele momento cheguei a pensar em viver no Panamá ou Nicarágua porque também queria viajar e fotografar a vida e a realidade de Centro América.

Só que decidi conversar com uns amigos jornalista que acabavam de chegar do México. Todos foram unânimes em dizer que o melhor seria ir para lá, por ser um país com muitos jornalistas estrangeiros e todos tinham como base para seu trabalho jornalístico na América Central. Comentaram também das facilidades de locomoção, tanto dentro do país como para viajar para os países vizinhos, porque o México tinha boas relações com os países de Centro América.

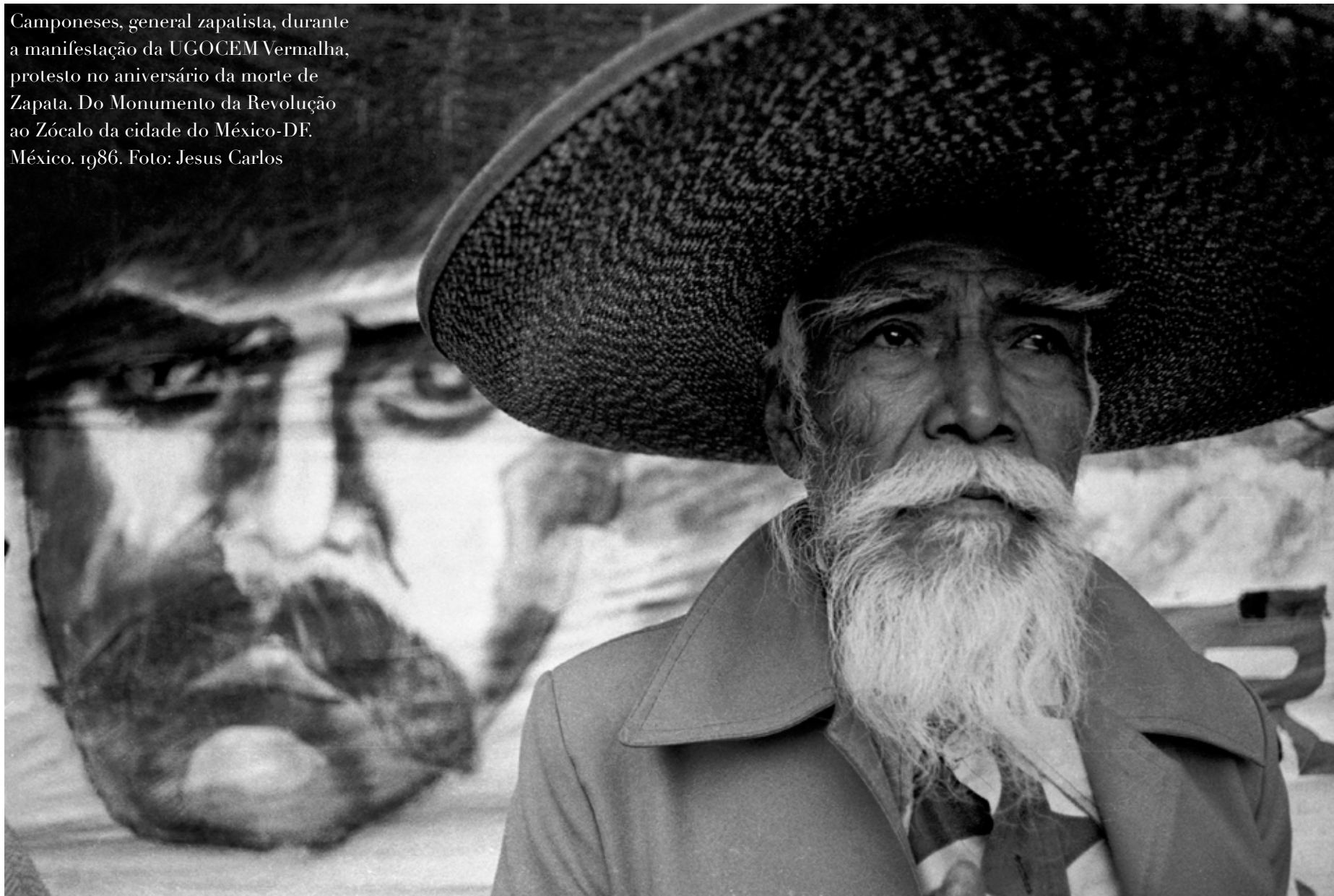
Com essas informações, resolvi viver no México. Inclusive, essa decisão facilitava em muito minha vida pessoal e profissional porque conhecia um pouco da história do país, a revolução mexicana, a arte mural de Rivera, Orozco e Siqueiros, já tinha tido contato com a fotografia moderna mexicana por meio do Conselho Mexicano de Fotografia e das imagens sobre a revolução dos irmãos Casasola. Consegui um visto como correspondente estrangeiro para entrar no país e ter o direito de residência fixa que facilitou muito minha vida profissional e no meu dia a dia. Da conversa com os amigos jornalistas até chegar numa madrugada na cidade do México passou-se apenas um mês e meio.

Tive a sorte de chegar no México uns dois meses antes da eleições de 1982. Naquela época, fotografava para o semanário Em Tempo, em São Paulo, e o pessoal do jornal tinha contatos com a direção do Partido Revolucionário dos Trabalhadores, PRT. Foi por meio desses contatos que consegui minha primeira residência na cidade, em Coyoacán. Tive a oportunidade de acompanhar e fotografar o final da campanha eleitoral da Rosário Ibarra de Piedra, candidata a presidente da república pelo PRT no estado do México. Chegar num país e na semana seguinte fotografar os povoados, o dia a dia no campo, os indígenas e as pessoas nas suas comunidades, as manifestações, etc., foi como ganhar na loteria.



Transporte de porcos para o mercados e açougues nas ruas da cidade de México-DF, México. 1983. Foto: Jesus Carlos.

Camponeses, general zapatista, durante a manifestação da UGOCEM Vermelha, protesto no aniversário da morte de Zapata. Do Monumento da Revolução ao Zócalo da cidade do México-DF. México. 1986. Foto: Jesus Carlos



Ao mesmo tempo que fotografava as eleições, procurei fazer contatos e saber quem era quem na fotografia mexicana. Como já tinha algumas informações sobre o Conselho Mexicano de Fotografia, foi aí o primeiro lugar que procurei conhecer e assim tive a oportunidade de ter os primeiros contatos e fazer amizade com o fotógrafo Pedro Valtierra. No dia da posse do presidente Miguel De La Madrid, no Zócalo da cidade do México-DF, conheci os fotógrafos Marco A. Cruz e Luiz Huberto González. A partir desses contatos e amizades comecei a conhecer de perto o fotojornalismo mexicano.

Como correspondente estrangeiro fiz minha credencial junto à Comunicação Social do governo para facilitar minha vida profissional e poder transitar tranquilamente no país. No ano seguinte da minha chegada, em contato com o editor da revista Claudia, vendi minhas primeiras fotos sobre o carnaval no Brasil e assim consegui abrir as portas na imprensa mexicana. Com o tempo, fui tendo a oportunidade de conhecer outros profissionais da fotografia, porém, foi fotografando a realidade no dia a dia que senti a importância tanto como pessoa como profissional de haver escolhido o México como meu país naqueles momentos. Haver conhecido a fotografia mexicana e ter tido também a amizade de grandes mestres como Nacho López, Héctor García, Pedro Meyer e muitos outros, foi para mim um grande aprendizado.

IMAGENLATINA / HISTÓRIA 2

Em São Paulo já existiam algumas experiências de pequenas agências de fotografia como a SIGLA e a F4. A Agência F4 era a mais conceituada e bem sucedida das propostas de agências criada por fotógrafos independentes. Eram quatro profissionais da fotografia e um grupo de amigos que trabalhavam como freelancer na fotografia de imprensa e editorial. Tendo essas informações comigo e já vivendo no México por uns dois anos, conhecendo um pouco da fotografia de imprensa, os fotógrafos e o mercado editorial mexicano, comecei a pensar: por que não criar uma agência de fotografia independente? Com fotógrafos dispostos a trabalhar

em um mercado que estava em expansão, onde como autores das imagens pudessem montar seus arquivos, editar suas fotos, propor suas pautas temáticas, fazer respeitar os direitos morais e patrimoniais dos fotógrafos. Foi a partir dessa pergunta que comecei a conversar e discutir com Pedro Valtierra, Marco A. Cruz, Fabrizio León e Luiz Humberto González a ideia de uma agência. Portanto, foi nesse contexto e depois de muitas discussões, que em 1984 surge a agência Imagenlatina fazendo uma fotografia crítica e diferenciada no México.

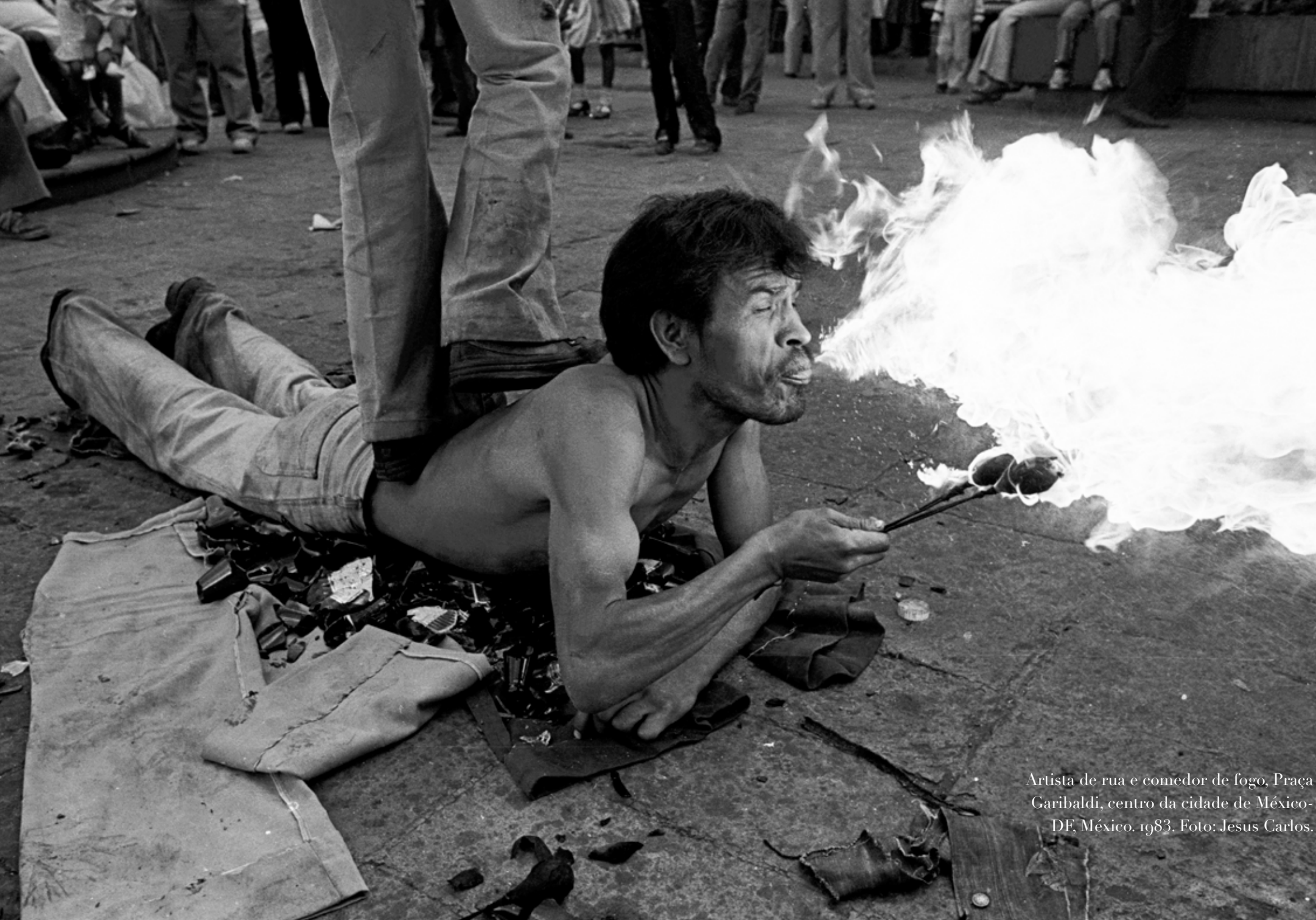
LA JORNADA / HISTÓRIA 3

Sai da Imagenlatina e comecei a trabalhar como correspondente do semanário The Guardian e da Agência Stock Peter Arnold de Nova York. Ao mesmo tempo fotografava para as revistas Encuentro de la Juventud do CREA e para El Cotidiano da Universidade Autónoma Metropolitana. Em finais de 1985 junto com os fotógrafos Francisco Mata Rosas e Carlos Amérigo, proprietário do laboratório fotográfico MasterColor tentamos criar a agência de fotografia Câmera 2. Uma proposta com as mesmas preocupações em relação a fotografia, ao mercado editorial e aos fotógrafos. Só que dessa vez com melhores condições materiais porque o laboratório MasterColor ficou a disposição da agência Câmera 2.

Numa certa manhã, meses antes do Mundial de Futebol de 1986, chego na agência e toca o telefone, era a Carmem Lira subeditora do diário La Jornada. Queria saber se gostaria de trabalhar no jornal. Pensei que era uma brincadeira, só que de imediato dei-me conta que era um grande convite. Perguntei quanto tempo teria para dar uma resposta. Comentou que no máximo três dias porque tinha que fazer o credenciamento para a cobertura do Mundial de Futebol para o diário. Falei que entraria em contato de imediato. Esperei por Francisco Mata e o Carlos Amérigo para uma conversa. Foi aí que fiquei sabendo que o Francisco Mata também tinha sido convidado para trabalhar na equipe de fotógrafos do jornal. Conversamos e chegamos a conclusão que deveríamos aceitar o convite e o Carlos Amérigo ficaria responsável em levar adiante o projeto Câmera 2.



Jovens, banda punk em uma tocada na Colonia Providencia, na rua Progreso, cidade do México-DF, México. 1986. Foto: Jesus Carlos.



Artista de rua e comedor de fogo, Praça Caribaldi, centro da cidade de México-DF, México. 1983. Foto: Jesus Carlos.

Nunca gostei de trabalhar no fotojornalismo diário. Sempre achei muito esgotante e pouco criativo. Tens que fazer quatro, cinco, seis pautas diárias e terminas não pensando no que estás fotografando. Porém, mesmo já tendo colaborado com o jornal, trabalhar no jornal La Jornada, pertencer ao seu quadro de profissionais da fotografia era um grande sonho que sempre passou em minha cabeça. Um diário com conteúdo, com muita credibilidade jornalística, um projeto gráfico ousado e a fotografia tinha um espaço garantido com informação autônoma. Uma fotografia independente das pautas diárias.

Portanto, trabalhar com um grupo de fotógrafos como Fabrizio León, Frida Hartz, Elsa Medina, Luiz Humberto González, Francisco Mata Rosas, Arturo Guerra e Rogelio Cuéllar era de grande importância como profissional e a oportunidade de fotografar situações que jamais teria conseguido se não estivesse entre seus fotógrafos. Independente das contradições, era também minha oportunidade de ampliar minha visão sobre a fotografia de imprensa. Aceitei e no dia seguinte estava trabalhando no jornal. Fotografar as pautas diárias, conhecer as comunidades indígenas e fotografar a vida no campo, os movimentos sociais, o lado oficial da política mexicana, a periferia das cidades, a vida cultural e cotidiana. Fotografar o povo mexicano e fazer uma fotografia de imprensa pela ótica de um jornal como La Jornada foi muito importante para minha formação profissional. Trabalhei um ano e nove meses no diário e terminei saindo por questões pessoais. Havia resolvido depois de cinco anos voltar para o Brasil.

Jesus Carlos



Camponeses durante a tomada de terras na região do Rio Lerma pela UGOCP, Toluca. México, México. 1987. Foto: Jesus Carlos.



Camponeses durante a tomada de terras na região do Rio Lerma pela UGOCP, Toluca. México, México. 1987. Foto: Jesus Carlos.



Crianças de rua no terminal de ônibus
Taxqueña, cidade de México-DF,
México. 1985. Foto: Jesus Carlos.



Durante filmagens de rua no Zócalo
de Coyoacán, cidade do México-DF,
México. 1985. Foto: Jesus Carlos.



Show de la vedette Norma Lee na casa de show Baccarat Baile, centro da cidade do México-Df, México. 1984. Foto: Jesus Carlos.



Mimos se maquiando antes da
apresentação na Alameda Juárez, centro
da cidade de México- DF, México. 1986.



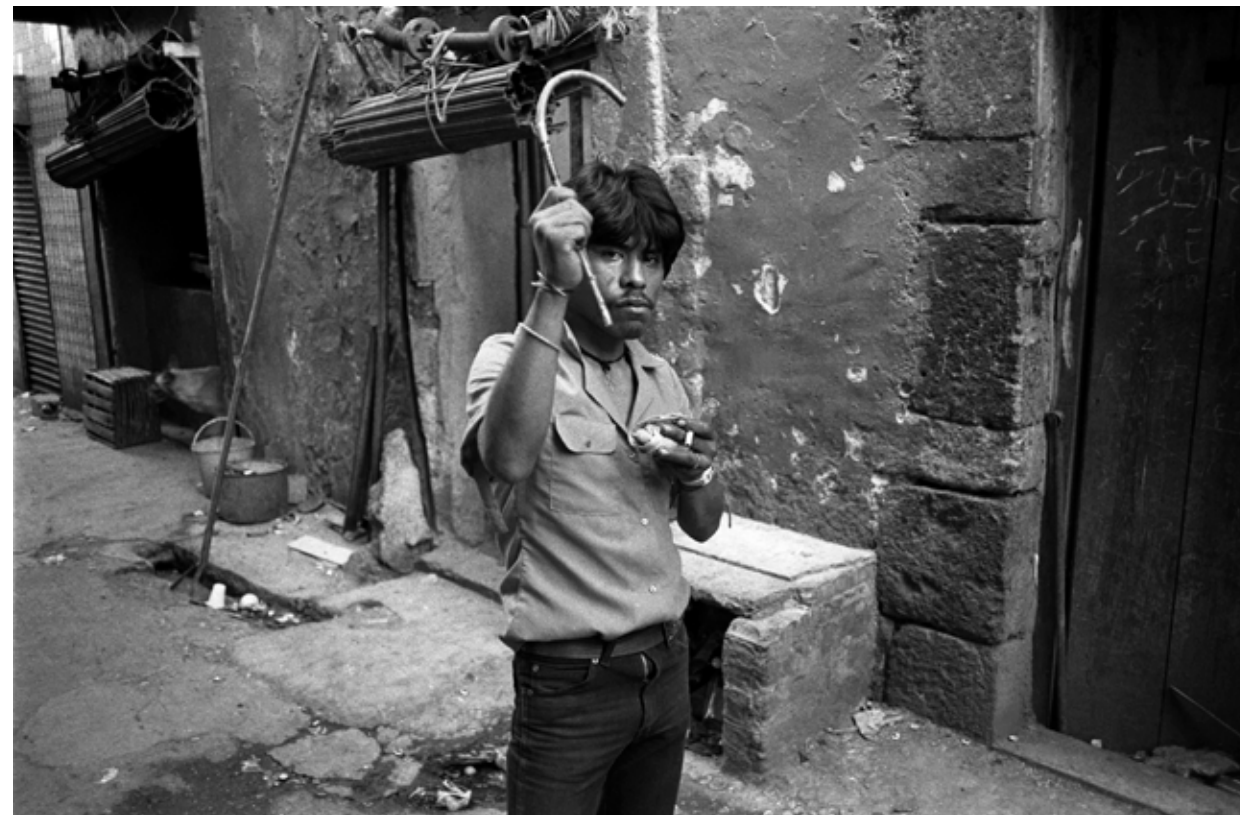
Penitentes na Paixão de Cristo, Semana
Santa na cidade histórica de Taxco,
México. 1986. Foto: Jesus Carlos



Nos bastidores do Teatro
Blanquita. Show de travestis
no Teatro Blanquita, cidade
do México-DF. México.
1976. Foto: Jesus Carlos.



Torcedores festejando a vitória da seleção mexicana sobre a Bélgica no Monumento do Anjo, Passeio de La Reforma, Mundial de Futebol. Cidade do México-DF, México. 1986. Foto: Jesus Carlos



“Teporochos”, sem teto na região da “La Agonia”, centro da cidade do México-DF, México. 1986. Foto: Jesus Carlos.

aprendemos nos livros

“Toda imagem incorpora um modo de ver, inclusive uma fotografia, pois as fotografias não são, como se presume frequentemente, um registro mecânico. Cada vez que olhamos uma fotografia, estamos cientes, por mais superficialmente que seja, do fotógrafo selecionando aquela cena entre uma infinidade de outras possíveis. Isto é verdadeiro mesmo em se tratando do instantâneo familiar mais informal. O modo de ver do fotógrafo se reflete na seleção de seu tema. E modo de ver do pintor se reconstitui a partir das marcas que faz sobre o papel. Contudo, embora toda imagem incorpore uma maneira de ver, nossa percepção ou apreciação de uma imagem depende também do nosso próprio modo de ver.”

John Berger - 1999

Vozes - Ensaio

Planeta Islândia

Por Marcelo Portella

Marcelo Portella é fotógrafo e membro da Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil. Neste artigo, ele conta a sua experiência em expedições fotográficas ao país Europeu.
www.dreamscapes.com.br

Aurora na Lagoa Glacial
Jökulsárlón com a lua cheia.
Foto: Marcelo Portella

Tudo começou na minha primeira viagem para a Islândia, em Setembro de 2013. Tinha em mente o objetivo de planejar uma expedição para fotografos e entender com meus próprios olhos porquê a Islândia começava a ser tão cobiçada por fotógrafos do mundo inteiro. Jamais poderia imaginar que esta seria a primeira expedição de muitas que estariam por vir.

Durante o planejamento, percebi que os cenários entre o inverno e o verão eram muito distintos. Como estaria na Europa em agosto, optei por essa época e dei a volta ao redor dessa ilha de 103 mil km². Aos poucos, fui entendendo a complexidade e as várias faces do país de cultura marcante e com paisagens surreais desenhadas pela força da natureza – e que sofre uma constante transformação pelos quatro elementos: terra, ar, fogo e água. Foi uma grande surpresa saber que a Islândia é considerada geologicamente jovem. A coexistência de gelo e fogo, por exemplo, torna a ilha única e sedutora para quem curte fotografar natureza e paisagens.

Antes mesmo do final da viagem, cheguei à conclusão que seria importante voltar no inverno para complementar a experiência. Feito isso, escolhi a época de frio por ser a mais interessante para montar a primeira expedição, e de forma definitiva a Islândia entrou para o meu calendário de destinos fotográficos.

A estrutura oferecida é muito boa, com acesso fácil para muitos atrativos e uma estrada principal que dá a volta em toda a ilha. Mas como o tempo pode mudar inesperadamente, estar despreparado para rodar por lá pode ser um erro muito grave – principalmente com neve ou gelo na estrada. Por essa razão, a logística e o planejamento são fundamentais, pois muitas vezes só se tem cerca de 30 a 60 minutos de luz ideal.

Cachoeiras islandesas

As cachoeiras fazem parte de todos os roteiros e estão presentes em todas as regiões e com diversos formatos, sendo quase impossível apontar a mais atraente. Para fotografá-las, a técnica é simples, quase uma receita de bolo, fácil de ser seguida. No geral, faz-se uma foto de longa exposição de pelo menos 1 segundo para dar a sensação de movimento, quanto maior



Foto Noturna
Cachoeira aldeyjarfoss
Foto: Marcelo Portella



Panorama no Por do Sol
Seljalandsfoss
Foto: Marcelo Portella

for o tempo de exposição, maior será o efeito da água borrada. É necessário utilizar um tripé bem firme, um cabo disparador ou o modo temporizador automático para manter a câmera estável durante a captura, tapar o ocular do visor para evitar a entrada da luz e para as fotos feitas sob a luz do dia, é fundamental o uso do filtro ND (Densidade Neutra), pois sem ele não conseguiremos velocidades mais lentas. Os filtros de densidade neutra tem a função de reduzir a quantidade de luz que entra pela lente da câmera, permitindo dessa forma usar velocidades mais lentas do obturador. Existem uma ampla gama de filtros ND, de 1 até 16 stops.

Durante a expedição, uso os cenários de cartão-postal para ensinar os fundamentos, mas instigo os fotógrafos da expedição a usar ângulos não tradicionais e diferentes distâncias focais para fugir do óbvio. A Detifoss, por exemplo, é a cachoeira com maior volume d'água da Europa. Com um corte com a lente de 50 mm, e não uma grande angular como de costume, conduzo o olhar do espectador para dentro da cachoeira, com a falsa impressão que estava no meio da corredeira. Aumento o impacto da cena trazendo o volume, textura e movimento da água.

Já na famosa Seljalandsfoss, que no inverno tem o entorno coberto por gelo e neve, me distancio do véu da cachoeira e ao contrário da anterior, uso a lente grande angular com a distância focal em 14mm, a câmera montada no tripé regulado entre 40 e 70cm de altura, inclinada cerca 40o para baixo com o objetivo de enfatizar a curva do rio em primeiro plano e afastar a cachoeira no plano de fundo, criando assim uma relação visual entre o próximo e o distante. A grande angular exagera a importância do primeiro plano e aumenta a sensação de profundidade – apesar de o foco estar no plano mais próximo, toda a cena está nítida. Algumas dicas: observe bem todos os elementos da cena, use os elementos geométricos para conduzir o olhar do espectador e faça a distorção causada pela lente trabalhar a seu favor.

Para a fotogênica Aldeyjarfoss, trabalhei novamente com a grande angular, aproveitando o seu entorno como uma moldura. Já para a foto noturna, planejei uma exposição de 10 minutos e usei uma lanterna LED potente para trazer mais detalhes das colunas de basalto, que formam a



Usando o filtro ND durante o dia



Monte sua câmera no tripé e faça a composição da sua imagem antes mesmo de encaixar o filtro ND

1

2

Configure ISO 100, a abertura em f:16 e o balanço de branco no modo automático



Faça a medição de luz para determinar o tempo de exposição (recomendo usar o modo Matricial), faça um teste de exposição e avalie se é necessário fazer algum ajuste na composição ou na fotometria

3

4

Agora encaixe o filtro ND e faça a compensação da exposição - ela pode ser feita por uma conta básica, uma tabela impressa ou app no celular



Exemplo com filtro ND 6 stops ou ND 6 pontos:

Valor da exposição antes do filtro: 1/30 seg, f: 16 e ISO 100.
Para cada ponto (stop) do filtro, é necessário diminuir 1 ponto ou reduzir a metade do valor da exposição, sendo assim: 1/30s para 1/15s (1 ponto), depois 1/8s (2 pontos), 1/4s (3 pontos), 1/2s (4 pontos), 1 segundo (5 pontos) e finalmente 2 segundos (6 pontos).

5

6

Lembre de tapar o visor da ocular, usar o cabo disparador ou o modo temporizador automático, pois isso evita movimentar a câmera, e faça a sua foto.

Alguns filtros alteram a tonalidade da imagem, mas isso pode ser solucionado facilmente no Lightroom ajustando o balanço de branco.



parede do cânion. Durante o tempo de exposição, me mantive afastado da câmera e movimentei a lanterna nas mais variadas direções.

O controle da luz

Sempre planejo fotografar em horários extremos, considerando chegar ou sair cerca de 90 minutos antes ou depois do pôr do sol. O benefício é poder registrar as cores incríveis do Cinturão de Vênus e da Sombra da Terra.

O Cinturão de Vênus é um fenômeno atmosférico que produz uma faixa de cor rosa entre a sombra da terra e o céu azul. Já a Sombra da Terra acontece na medida em que a Terra gira e a atmosfera passa a não refletir mais a luz solar direta, tendo a sua sombra projetada na atmosfera.

O cenário planejado contemplou a formação rochosa Reynisdrangar, que após o pôr do sol ganha cores incríveis. A cena mais clássica seria fotografar a partir da Reynisfjara, também conhecida como a Praia de Areia Negra, mas por ser um lugar famoso, fica absurdamente lotado e pode ser impossível conseguir um bom ângulo – e esse tem sido um problema com a fama crescente dos incríveis cenários islandeses.

Um dos lugares mais mágicos para enquadrar o nascer do sol é a Diamond Beach, nome dado em referência aos blocos de gelo provenientes da Lagoa Glacial Jökulsárlón. Eles navegam pelo Rio Jökulsá e vão de encontro ao Oceano Atlântico. Ao bater na água, sofrem uma espécie de polimento e chegam à areia brilhando como diamantes. Sem ver a imagem,

creio que seria impossível imaginar uma praia de areia negra repleta de blocos de gelo polidos. Poderia ser uma pintura surrealista de Salvador Dalí.

A dica para fotografar cenas assim é usar velocidades mais baixas entre 1 e 3 segundos, criando um rastro de água para ter grafismo incrível, complementado pelo contraste entre a areia negra e os blocos de gelo. Mesmo em dias nublados, são inúmeras as possibilidades de criação. Previamente, discuto com o grupo as possibilidades de composição e os fundamentos técnicos para eliminar a preocupação de alguém não conseguir registrar a cena como desejada.

Olho na fotometria

Fotografar em um lugar totalmente coberto de neve demanda atenção com a fotometria, pois quanto mais intenso o branco, maior será o desvio de leitura do fotômetro e a cena ficará escura. Chamo a atenção do grupo para lembrar de compensar entre +1 e +2 pontos e sempre recomendo fazer testes de leitura de luz e avaliar o histograma da imagem. Outra dica é capturar em formato RAW, o que sempre aumenta as possibilidades de ajuste nas pós-produção, até mesmo reparar pequenos erros.

Os cavalos islandeses, por exemplo, são belos e extremamente dóceis, um bom tema para fotografar na neve. Com uma teleobjetiva (135 mm) para não ficar muito próximo, priorizei a velocidade mais alta (1/1000s), pois queria trazer o máximo de detalhes e usei a abertura 8.0. Fiz a compensação de 1 ponto e 1/3 por causa do chão de fundo extremamente branco e porque parte do pelo do animal também era



A famosa formação rochosa Reynisdrangar localizadas no sul da Islândia. No céu as cores da sombra da terra e do Cinturão de Vênus.
Foto: Marcelo Portella



Amanhecer na
Diamond Beach
Foto: Marcelo Portella

branco. Nesse tipo de cena na qual o branco é predominante, ocorre um desvio na medição de luz da cena interpretada pelo fotômetro, já que ele é calibrado para medir sobre o cinza 18%. Por este motivo, é necessário corrigir esse desvio de interpretação e compensar a sua fotometria. Neste caso, a fotometria na cena indicava a velocidade do obturador 1/2500. Eu já sabia que a foto ficaria escura, então busquei uma outra parte da cena com a mesma intensidade de luz, porém com um tonalidade mais neutra, e fiz uma nova fotometria. Como a intensidade da luz não estava variando, pude manter a 1/1000s e f8.0 durante toda a sessão de fotos.

Outra grande aventura da expedição durante o inverno é fotografar a Caverna de Gelo, quando é preciso usar superjipes 4x4 para chegar aos pés do glaciér Breiðamerkurjökull. Depois, ainda há uma caminhada de cerca de 1h até alcançar a caverna. O desafio lá é lidar com a diferença de luminosidade, principalmente quando se usa a lente grande angular – uma ótima opção é utilizar a técnica do HDR, tanto o Lightroom quanto o Photoshop fazem isso muito bem, mas existe também outra boa solução, o Photomatix. O ideal é fazer a fotometria na alta e na baixa luz e daí calcular quantas fotos serão necessárias para compor o HDR numa só foto.

O modo mais prático é configurar o bracketing na sua câmera para 3 fotos com incrementos de 2 pontos, sendo uma para mais e outra para menos, utilizar um tripé estável, escolher o formato RAW que tem mais qualidade do que o JPEG e usar o temporizador automático que dispara as fotos sequencialmente. Após o disparo, serão feitas 3 fotos com exposições 0EV, -2EV e +2EV (Valor de Exposição). Importe as fotos para o Lightroom, selecione os 3 arquivos, e no menu superior “Foto” escolha a opção “Mesclar Fotos > HDR”. Marque a opção “Alinhamento automático”, desmarque “Configurações automáticas”, escolha a opção “Nenhuma” em Intensidade de Deghost, marque a opção “Criar pilha” e finalmente clique no botão “Mesclar”. A partir dessas 3 fotos, o Lightroom cria um novo arquivo no formato DNG com mais qualidade no qual você poderá tratar da sua forma habitual.

As Highlands islandesas

No outono de lá, em setembro de 2017, na minha sétima viagem para a Islândia, decidi conhecer as Highlands. Foi uma das aventuras mais desafiadoras que fiz, pois enfrentei o desconhecido em regiões inóspitas dirigindo por longas distâncias, cruzando rios, entre outros detalhes. Isso tornou a jornada ainda mais enriquecedora e divertida, pois sabia dessas possibilidades. A região oferece paisagens complexas, com cadeias de montanhas multicoloridas cortadas por rios, vulcões, lagos e um fascinante deserto de areia negra. Estar sozinho no meio dessa natureza tão bruta desperta a sensação de solidão criativa.

Aproveitei para fotografar com um drone para ter um outro ângulo de visão, complementando um projeto que tenho de exposição ou fotolivro.

Produzi imagens verticais usando o DJI Mavic Pro, incluindo a montagem de um panorama com várias fotos feita no Lightroom. Usei ainda a DSLR para produzir imagens com mais qualidade e para me inserir no enquadramento, humanizando a cena e criando um ponto de referência.

Uma das áreas mais populares e talvez a mais bonita na região das highlands é o Vale de Landmannalaugar, uma espécie de oásis geotérmico, situado na parte sul da região. A região é cercada por diversas montanhas, algumas multicoloridas - combinando tons de amarelo, vermelho, inúmeras tonalidades de verde e o branco da neve que aumenta o contraste da cena.

No coração do vale foi desenvolvida uma estrutura turística com um grande alojamento com beliches e cozinha, banheiros completos, área coberta para refeições e uma piscina natural com águas termais que ficam lotadas durante o verão - que sem dúvida é a melhor época para visitação, pois no inverno apenas para os superjipes podem ter acesso.

Uma das melhores maneiras de explorar essa região é fazer algumas das caminhadas entre as montanhas e os campos de lava, pois no meio das montanhas não é permitido passar nenhum tipo de veículo e existem caminhadas de diversos níveis: basta escolher aquelas que mais se adequam ao seu perfil, reorganizar a sua mochila fotográfica e conhecer uma das regiões mais lindas e fotogênicas da Islândia. Algumas pessoas que já foram à Islândia no inverno estão voltando comigo para conhecer as Highlands, pois ficam fascinadas em ver como as paisagens são complementares e fascinantes em suas diferentes estações.

Aurora Boreal

Falar de fotografar na Islândia é quase sinônimo de registrar a Aurora Boreal. Lá, como em outros lugares da região do Círculo Polar Ártico, muitos guias se denominam Caçadores de Aurora. Sob esse prisma, fiz uma caçada audaciosa: saí do coração das Highlands, dirigi 380 km para chegar à região Noroeste do país, em especial uma formação rochosa chamada Hvitserkur. Já próximo do destino, os fachos verdes começaram a aparecer no céu (foi importante controlar a ansiedade e acreditar que chegaria a tempo) após 7h de viagem. Ainda foi preciso caminhar 30 minutos, e a recepção não poderia ter sido mais emocionante: a Aurora Boreal refletida na água sob pedra e tornando o céu completamente verde.

Com tudo mentalmente pronto, comecei a registrar o cenário e não hesitei em tomar duas decisões: usar o intervalômetro para fazer uma sequência de fotos que poderia virar um time-lapse e fazer um light painting para trazer os detalhes da formação rochosa. Fotografei durante 1h15, e depois brindei com meu amigo Marcos que me acompanhou durante toda a viagem com a maravilhosa sensação de dever cumprido.

Os requisitos para fotografar a Aurora Boreal, são similares aos da fotografia da via láctea. Recomendo usar baterias 100% carregadas, limpar bem a lente da objetiva, remover o filtro UV, usar uma lente grande angular para combinar primeiro plano e céu na mesma foto, escolher um tripé estável, cabo disparador, usar foco manual,





Highlands Islandesa na
foto com drone.
Foto: Marcelo Portella

tempo de exposição de 30 segundos e, dependendo da sua lente, usar a abertura f: 2.8 ou f:3.5. O ISO pode variar de acordo com a intensidade dos feixes de luz. Quando estão muito intensos, o ISO 1600 pode ser suficiente, evitando perder os detalhes nas áreas mais luminosas, e quando estão mais difusos, com feixes menos intensos, é necessário o ISO 6400 para trazer todos os detalhes.

É muito importante proteger bem o corpo contra o frio, pois na empolgação podemos ficar algumas horas fotografando, e sem a proteção adequada podem haver sérias consequências. Compre alguns pares de hot warmers, que são pequenos pacotes aquecedores que podem ser usados para aquecer as mãos e os pés, certifique-se de estar usando meias secas, pois é normal depois de algumas horas transpirar próximo aos dedos dos pés, então trocar a meia pode ajudar bastante, proteja bem a região da cabeça e tórax, carregue luvas e gorro sobressalentes na mochila, trabalhe com 2 pares de luvas, um mais fina para não perder totalmente o tato e não expor a mão ao frio e outra mais grossa, de preferência sem as pontas dos dedos, e use de forma sobreposta e SEMPRE esteja preparado para a Aurora.

Ver e fotografar a Aurora Boreal tornou-se um item quase que obrigatório para quem vai à Islândia, sejam fotógrafos ou não. O foco das minhas expedições é a fotografia, mas existem viajantes que querem apenas participar dessa experiência. Programo saídas para diversos locais, considero a fase da lua, monitoro as possibilidades e as condições climáticas, entrego um tutorial ilustrado, tudo com o objetivo de tentar garantir que o grupo consiga voltar com a imagem na memória e a foto na câmera. Mas na fotografia de natureza nada é garantido, incluindo as condições meteorológicas, que por muitas vezes podem fechar a estrada por dias. Por isso, planejamento, monitoramento constante e experiência fazem total diferença no conforto e segurança do grupo.

Considerando a característica de estação, em meados de fevereiro, no inverno, percorremos as regiões sul e sudeste e em meados de setembro, no final do verão, as regiões Norte, Nordeste e as Highlands com o objetivo de mostrar as diversas faces do Planeta Islândia. A cada Expedição sempre descubro algo novo, sempre renovo o desejo e a paixão em descobrir novos lugares e a maior recompensa é poder levar cada vez mais fotografias para essa experiência modificadora.

Marcelo Portella



Highlands Islandesa na
foto com drone.
Foto: Marcelo Portella

Aurora sob céu estrelado na Lagoa
Glacial Jökulsárlón sem a luz da lua
Foto: Marcelo Portella





Caverna de Gelo em 2015
Foto: Marcelo Portella



Auto retrato Caverna de Gelo.
Foto: Marcelo Portella



Reykjavik visto da
Igreja Hallgrímuskirkja
Foto: Marcelo Portella



Rastro de Estrelas com Aurora
Montanha Kirkjufell
Foto: Marcelo Portella

Parceiros



www.saladefotografia.com

Rua Garibaldi, 789, Sala 177. Edifício Estrela, Caxias do Sul | RS
(54) 3534.8994 | 9.9981.9894 saladefotografia@gmail.com

